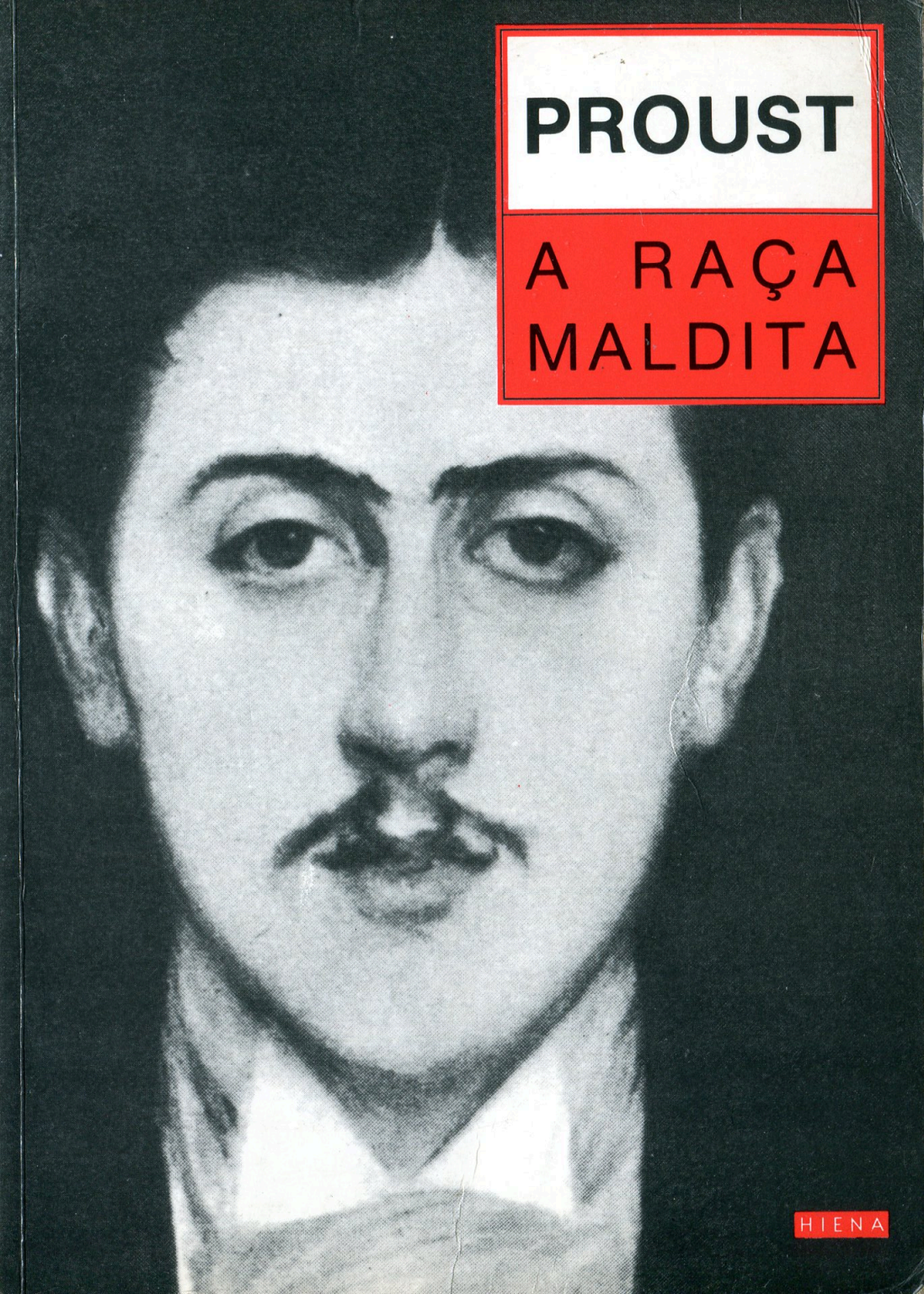
# PROUST

# A RAÇA MALDITA



HIENA

# A RAÇA MALDITA

HIENA EDITORA
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Títulos dos originais
JOURNÉES DE LECTURE
LA RACE MAUDITE
SENTIMENTS FILIAUX D'UN PARRICIDE
Autor
MARCEL PROUST
Título em português
A RAÇA MALDITA
Tradução de
ANÍBAL FERNANDES
Capa de
AUGUSTO T. DIAS
© Domínio público; Hiena Editora, desta edição
Lisboa, Julho de 1989

MARCEL PROUST

# A RAÇA MALDITA

Tradução e prefácio de
ANÍBAL FERNANDES

HIENA EDITORA

## ÍNDICE

*Prefácio* ..... 9

Dias de Leitura ..... 29

A Raça Maldita ..... 81

Sentimentos Filiais de um Parricida ..... 105

[A Morte de Bergotte] ..... 123

*Dir-se-á — lendo Proust, uma biografia de Proust — que certos momentos (quase inocentes assim, no seu brilho solitário) podem concentrar-se num cristal de perturbadora incandescência; que uma criança hipersensível e protegida, a viver entre mansões de Illiers e Paris, desvia banais consequências de um resfriamento apanhado em dia de passeio no Bosque de Bolonha, de uma leitura de Gautier, de um súbito reflexo de céu e telhado numa parede e num charco, e fá-las transmutar-se, por interalquimia, no cristal mais-secreto-nódulo de uma surpreendente arquitectura literária — romance de sete faces —* Em Busca do Tempo Perdido.

*De facto, a genialidade de Proust parece gerar-se pela força de banais* momentos; *entre radiações cruzadas ou somadas, distantes de espaço e tempo mas a conjugarem-se de memória e talento para um espectáculo literário que a banal cintilação dos seus focos múltiplos não deixaria prever. Aos nove anos de idade, aquele resfriamento: aquela asma nervosa, alérgica, que lhe sucede e a medicina de 1890 deixava exceder-se em sufocações quase mor-*

*tais* — momento *que vai preparar-lhe o farol*, o quarto *propício à* extensão do olhar [...], essa sensação exaltada, quase desordenada, do seu poder de isolamento (1), *que vai preparar-lhe a* cama *(escrivaninha horizontal onde uma letra quase ilegível correrá ao longo de complexas tiras de papel) que ele, Proust, já grande escritor (maníaco e voluptuosamente enfermo), quase não saberá abandonar* (Tudo quanto posso dizer-lhe, *ficou escrito numa estranha carta sua a Paul Morand,* é que amanhã, sábado, irei provavelmente levantar-me, ou então depois de amanhã, domingo. Se eu me levantar amanhã, sábado, mandar-lhe-ei dizer que não poderei certamente levantar-me no domingo. Se amanhã, sábado, eu não me levantar (o que não quer dizer que não venha a fazê-lo, com certeza, no domingo), ignoro se estarei em condições de me levantar no domingo...); *momento que prepara o laboratório ideal à sua escrita de vigílias, de sonos, dos meios-sonos em que verá a vida numa sucessão de percepções onde o presente desperta e logo vai esbater-se na memória do passado; momento, enfim, que prepara a fatalidade física do futuro Proust, o Proust «metido na cama» e defendido por filtros do mundo exterior, esse que Cocteau recordou numa conversa radiofónica:*

— *«Léon Daudet tinha-me levado àquele quarto do Bulevar Haussmann onde ele vivia deitado numa nuvem de pó antiasmático. As janelas nunca eram abertas. A poeira cobria os móveis como uma pele de esquilo-da-rússia. Proust escrevia na cama, com luvas, rodeado de pla-*

(1) Em *Jean Santeuil.*



*cas de cortiça. Estava numa guarita de placas de cortiça. A barba e a franja de madeixas negras faziam-no parecido com o o Carnot morto do Museu Grévin, ou com um qualquer Capitão Nemo de Jules Verne.*

*«A sua obra acumulava-se à esquerda, na mesa de cabeceira, como uma pilha de cadernos escolares ilegíveis. Tão mal decifrava a sua própria letra, que se perdia de riso quando estava a lê-la. Ria a bandeiras despregadas.* [...] *Toda a vida do autor lá estava com uma máscara de veludo negro. Dir-se-ia que a solidão levava-o a entregar-se e a esconder-se ao mesmo tempo.*

*«Quando se entrava lá em casa, Céleste* (2) *fazia-nos passar por um exame na antecâmara. Era necessário confessar se tínhamos tocado em flores ou apertado a mão de alguém que tivesse tocado em flores. A mínima partícula de flor, ou espectro de perfume de flor, provocava crises de asma a Proust.»*

*Quanto ao* momento *Théophile Gautier, ele próprio o destaca entre as delícias e as frustrações de uma leitura da infância (o* Capitão Fracasse, *ver-se-á adiante, no primeiro texto deste livro) porque primeira consciência de uma literatura brilhante mas espelho insuficiente do homem que mais lhe apetecia, retratado pelas suas verdades interiores, e já o fazia sonhar um romance para além* daquilo, *que inflectisse trajectórias sabidas e rompesse com a velha ordem, sobretudo preocupada com a visão física das coisas:* — Tanto desejaríamos que o livro continuasse [...], desse outras informações sobre todas aquelas perso-

(2) Celeste Albaret, fiel governanta de Proust.

nagens, qualquer coisa que nos fizesse saber mais sobre a sua vida [...]; não ter amado inutilmente criaturas que no dia seguinte seriam só um nome numa página esquecida, um livro sem relação com a vida...

*E ainda o outro* momento, *o que apelava por inesperada via à exigência da palavra «cintilante» e é primeiro anúncio, talvez, de uma irreprimível vocação de escritor: — que o atingiu chegado de um trivial telhado a reflectir-se num charco e a construir aí, na sua água,* um raiado de mármore cor-de-rosa *que rasgava (nela e na face de uma parede)* um pálido sorriso que respondia ao sorriso do céu *e o obrigou a exaltar-se mas exprimindo banalmente essa exaltação, por quatro vezes ceder à banalidade de uma exclamação francesa* — «Zut! Zut! Zut! Zut!» *— sentindo porém que era* opaco, *esse* Zut!, *e deveria* tentar ver, com clareza maior, no deslumbramento.

*O leitor de Proust não pode menosprezar a discreta cintilação de momentos destes e terá de apreendê-los na sua magia para fazer deles responsáveis, provocadores à distância do futuro estado de espírito que precisará, para se expressar, da monstruosa solidão de um quarto, de uma recusa total perante a exterioridade que não contenha em si o reflexo da interioridade das coisas, da renúncia à palavra baça; que através deles se vai projectar com a desmesurada arquitectura de uma catedral, de uma sinfonia em romance:* Em Busca do Tempo Perdido.

*Em toda a lentidão de um tal processo, sabemos de hesitações; antes do Marcel Proust que domina as desenvolturas do seu grande livro, outro houve com fraquezas que anunciavam mal o futuro esforço; que ainda não sublima-*



*va as fatalidades do corpo pela fruição voluptuosa de um* quarto, *de uma* cama, *pontos de mira para um olhar privilegiado às memórias do espaço lá de fora, livre e rasgado sobre o mundo:* — O que desolava a minha mãe era a minha falta de vontade. Eu fazia tudo sob o impulso do momento. [...] Dava tempo a mim mesmo, desolava-me às vezes ao vê-lo passar, mas havia tanto à minha frente! Sentia, porém, algum medo... com a triste dúvida de que as coisas não pudessem modificar-se de repente e, para transformar a minha vida e criar vontade, não era muito possível contar com um milagre que não custaria nada. O desejo de ter vontade não bastava. Seria preciso o que eu não tinha sem vontade: querê-lo (3).

*Perdido embora entre fadigas e faltas de vontade não deixa, aos 21 anos de idade, de ser escritor: com artigos de jornal e textos curtos — os contos, os ensaios, os poemas que reunirá nessa edição de luxo que veio a chamar-se* Os Prazeres e os Dias (4); *logo a seguir com um exercício que lhe apura a escrita (as traduções de* A Bíblia de Amiens *e* Sésamo e os Lírios, *obras de Ruskin, o autor*

---

(3) Em *Os Prazeres e os Dias.*

(4) Estreia literária tão apadrinhada por Anatole France, e uma amiga de Anatole France, que um crítico (o escritor Jean Lorrain) viu-se obrigado a pagar insinuações malévolas com um duelo à pistola no bosque de Villebon. Mas nem Proust nem Lorrain foram bons atiradores nesse ajuste que acabou sem graves consequências. Registe-se, porém, que nem tudo é Proust menor em *Os Prazeres e os Dias,* e já nalguns pontos se encontra ali o futuro «tom» do autor, por exemplo em *O Fim do Ciúme,* ou em *Melancólica Vilegiatura da Sr.ª de Breyves.*

*com quem mais se identificava) antes da primeira e já ambiciosa tentativa de romance — o* Jean Santeuil *de mil páginas inacabadas que foi encontrado (ele morto há trinta anos) numa caixa de chapéus. De permeio, outro projecto também: o híbrido* Contre Sainte-Beuve *(romance?, ensaio?) nunca concluído, que hoje se publica reunindo textos em fases diferentes de acabamento e organizados segundo uma estrutura que varia consoante as edições.*

*Proust vai precisar de quinze anos para se reconhecer num «tom». E desligado — pela morte da mãe — de um complexo e absorvente amor maternal, começa a escrever* a sua obra. *Em 1913 (ano dos* Alcoóis *de Apollinaire, de* Prosa do Transiberiano *de Cendrars num desdobrável de dois metros de comprido pintado por Sonia Delaunay, mas também de dois exemplos de prosa bem comportada como* La Colline Inspirée *de Barrès e* Jean Barois *de Martin du Gard), Proust entrega à perplexidade pública* No Caminho de Swann, *obra-prima que percorre inutilmente os editores de Paris até se transformar numa edição de autor com a chancela, por empréstimo, da Bernard Grasset.*

*«Todas as grandes obras literárias fundam ou dissolvem um género», disse Walter Benjamin num texto que sobre ele escreveu. No* Caminho de Swann *não se fica, porém, pela alternativa: não só dissolve fórmulas consagradas pelo romance do século XIX, aplicando Bergson e a sua filosofia da duração (onde tempo e memória são essência do drama da vida) às personagens e à técnica de uma trama romanesca, como funda um género, o* género Proust *que situa a vida apenas a uma* distância de alma.



*Seis anos mais tarde,* À Sombra das Raparigas em Flor *(segunda face do romance do Tempo Perdido) consegue ganhar o Prémio Goncourt pela reduzida margem de dois votos (o «rival» era...* Les Croix de Bois *de Roland Dorgelès!). E depois — ainda em vida do autor — são publicados* O Caminho de Guermantes e Sodoma e Gomorra, *escritos, reescritos, emendados e ampliados por tiras de papel que construíam complexos manuscritos capazes de assustar editores e tipógrafos — expandidos em harmónio, expandidos em polvo — com braços múltiplos a intercalarem uma insaciável dilatação de instantes cuja trajectória, «psicológica», corre sobre as malhas destes, que nos gastam, que os relógios quantificam e fazem científicos.*

*No* Tempo Redescoberto *— último volume do grande romance, que ficou (com mais dois, anteriores) por acabar em perfeições de forma e estrutura (mas algum deles estaria porventura «acabado» se Proust vivesse mais tempo?) — ele próprio nos dá a conhecer uma sonhada arquitectura para a sua criação:* Seria feliz quem pudesse escrever semelhante livro, pensava eu; que trabalho à sua frente! Para se fazer uma ideia, em artes mais elevadas e diversas é que haveríamos de buscar comparações; porque este escritor, que se obrigaria a fazer surgir em cada um dos carácteres as faces mais opostas, deveria, para lhes dar a sentir o volume como se fossem um sólido, preparar minuciosamente o livro com perpétuos reagrupamentos de forças como se ele fosse uma ofensiva, deveria suportá-lo como uma fadiga, aceitá-lo como uma regra, construí-lo como uma igreja, segui-lo como um regime, vencê-lo como um obstáculo, conquistá-lo como uma amizade, sobrea-

limentá-lo como a uma criança, criá-lo como um mundo sem pôr de lado esses mistérios que só noutros mundos têm provavelmente explicação e cujo pressentimento mais nos emociona na vida e na arte. E nestes grandes livros há partes que só tempo houve de serem esboçadas e vão acabar, com certeza, por não estar nunca concluídas devido à sua própria amplitude no plano do arquitecto. *A moderar tanta ambição há, depois, um pouco de modéstia:* Quanto ao meu livro [...] eu pensava nele [...], não ousarei dizer que ambiciosamente, construindo-o como uma catedral, mas apenas e simplesmente como um vestido.

*

*— Que qualidade desejo num homem? — lê-se na série de perguntas hoje conhecida por Questionário de Proust: e ele próprio, primeiro dos seus inquiridos, escreve esta resposta:* Encantos femininos. *Que qualidade prefiro numa mulher?* — Virtudes de homem e a franqueza da camaradagem, *acrescenta para compreendermos que não anda longe um androginismo à Leonardo de Vinci e o amor deve incluir o sentimento viril da camaradagem. Mas não é fácil, com o apoio de realidades biográficas, estabelecer a Marcel Proust uma trajectória sexual que o aproxime com muita nitidez destas opções sentimentais e de outras, físicas, que lhes são inevitável complemento.*

*Ao que parece, com o despertar da sexualidade teve momentos de atracção física pelo sexo oposto; e também é certo que alimentou, vida fora, inclinações platónicas por algumas mulheres. Da sua infância existe, aliás, uma*



*curiosa memória sexual, que não vem da obra literária mas dos depoimentos que Plantevignes recolheu no livro* Avec Marcel Proust: — Recorda-me um dia tempestuoso de Julho, em que joguei às escondidas [...] e, metido num armário, no meio de todos os vestidos daquelas quatro mulheres [...], na sombra daqueles tecidos espumosos, sedosos e acariciantes, fui invadido por uma estranha embriaguez. [...] Perturbei-me ao ponto de puxar um deles, que cheirava mais a mulher, e tenho o dever de confessar a minha vergonha por tê-lo retirado do cabide e — apesar de haver no mesmo armário duas raparigas, companheiras de esconderijo — ter feito dele, desse vestido de musselina de Verão, na sombra, a amarrotada companheira do meu prazer.

*Indícios como este, de uma sexualidade virada para o sexo oposto, também despontam numa ou noutra página da sua obra; reduzem-se, no entanto, de significado quando postos ao pé de muito mais fortes registos biográficos que lhe referem, desde cedo, amizades particulares que alimentou por colegas do liceu, uma adolescência cercada de satélites suspeitos, os hóspedes vislumbrados à distância pelas visitas do seu período de clausura, a prática de uma grande amizade apaixonada por Reynaldo Hahn. Outro pormenor curioso é ter oferecido a um bordel masculino de Paris algum mobiliário que herdou por morte dos pais.*

*Antes de entrar na fase aguda (psicológica e fisiológica) da sua doença, Marcel Proust soube conciliar indícios de uma sexualidade ambígua com uma vida mundana onde era aceite pela alta burguesia e a aristocracia de Pa-*

*ris, com salões literários onde brilhou perdulariamente de espírito — moeda de troca de atenções, sedução pessoal que foi, antes do período de clausura, parte dominante do seu carácter. Mas ter-se-á de aceitar esta entrega aos prazeres da sociedade, não como vocação autêntica mas subterfúgio, expediente contra tentações que o seu preconceito moral qualificava de «más»? Pelo menos dois passos dos seus escritos sugerem esta interpretação; quando afirma, sob a capa de uma* jeune fille *de* Os Prazeres e os Dias: — Para distrair todos estes maus desejos, comecei a aparecer muito em sociedade; *e quando um reflexo idêntico aparece em* Jean Santeuil, *a lamentar a desregra da mesma tendência:* Já me excedi, senhor, a amar a vida mundana. Tenciono renunciar a ela dentro em breve.

*Certo é que o Marcel Proust, da fase em que mais estará dominado pela escrita, vai escolher a solidão que o protege, é verdade, das agressões do exterior, mas também lhe oferece o observatório ideal, a defendida torre que lhe era necessária para examinar, através da memória, os seres lá de fora que andavam a frequentar o mundo. Tem-se afirmado que o seu jogo literário apenas é uma capa ocultadora, e que em raros momentos, de menor destreza, podem surpreender-se vestígios de uma falsa perspectiva heterossexual* ([5]). *Estas singularidades não chegam, apesar de tudo, para afectar de insanável dúvida o espírito do bem intencionado leitor da sua obra. Se-*

---

([5]) Há, por exemplo, uma descrição de Albertine em que o seu pescoço sai masculinamente *inteiro da camisa, possante, dourado, com grandes sardas.*



*rão precisas páginas como as de André Gide no seu* Diário, *que se apresentam firmadas por confissões do próprio escritor, para se aceitar que a intriga de* Em Busca do Tempo Perdido *seja um laborioso baile de máscaras: «Essa* indecisão *[sexual] — lê-se numa das suas referências a Marcel Proust — é que o levava a alimentar a parte heterossexual do livro transpondo para a* sombra das raparigas em flor *tudo o que as suas memórias homossexuais lhe propunham de precioso, meigo e sedutor, ao ponto de só lhe restarem para Sodoma o grotesco e o objecto.»*

*De facto, os homossexuais de Proust são seres de comportamento degradado, com um anátema físico e social a pesar-lhes em cima. Vivem sob a égide de Sodoma, restringem-se à «inversão» e sabem inspirar-lhe designações como «fatalidade», «enfermidade», «segredo», «vício» e «pecado original»; constituem uma «raça maldita» (tal como lhes chama o texto que dá nome a este livro e antecipa algumas páginas de* Sodoma e Gomorra).

*Quer o Barão de Charlus de* Em Busca do Tempo Perdido, *quer o seu «precursor» marquês de Quercy de* A Raça Maldita, *são «invertidos»; são homens que no físico e no comportamento denunciam a todo o instante uma preferência pelo mesmo sexo: que se auto-excluem da sociedade por uma maçonaria de «raça» ou nela se integram obliquamente, atrás de uma máscara deficiente e suspeita. Note-se que o próprio Marcel Proust não estava de todo isento dessa marca física; de imagem não seria um Charlus, nem um Quercy, mas assim mesmo não deixava de situar-se numa zona de subtil ambiguidade sexual que passava junto dos menos avisados por extravagante dandis-*

*mo, ou estranha elegância fora de moda, mas Edmond Jaloux soube, como nenhum outro, retratar no que tinha de perturbadoramente «diferente», oscilando a sua descrição entre a malévola «ingenuidade» e uma percepção de limites e conveniências que consegue, na contenção, dizer mais do que realmente diz: «Na atmosfera que flutuava à sua volta qualquer coisa de tão singular havia que experimentávamos, ao vê-lo, uma espécie de estupefacção. De forma nenhuma participava da vulgar humanidade; parecia sempre a sair de um pesadelo e também de outra época, talvez de outro mundo: mas qual? Nunca se decidira a renunciar às modas da sua juventude: colarinho a direito muito alto, plastrão engomado, abertura do colete largamente talhada, gravata «régate». Andava com uma espécie de atormentada lentidão, de intimidado espanto — ou antes, em vez de se aproximar, mostrava-se. Era impossível não nos voltarmos quando passava, não sermos impressionados por aquela fisionomia extraordinária que arrastava consigo uma espécie de natural desmesura.*

*«Um tanto forte, de rosto cheio, o que se notava logo eram os olhos: olhos admiráveis, femininos, olhos de oriental com meiga, ardente, acariciante mas passiva expressão que lembrava a das corças, a dos antílopes. Com as pálpebras superiores ligeiramente descidas (como as de Jean Lorrain) e o olho completamente mergulhado numa acastanhada olheira tão largamente impressa que dava à fisionomia um carácter ao mesmo tempo apaixonado e doentio. A cabeleireira densa, negra, sempre muito comprida, formava-lhe à volta da cabeça um forte solidéu.*



*Também nos espantava o exagerado desenvolvimento do busto, muito cheio à frente, que Léon Daudet comparou a uma quilha de galinha e achou que era outra parecença sua Jean Lorrain.*

*«Para ser franco, não me satisfaz lá muito a descrição; omite aquele não sei quê que lhe dava a singularidade; mistura de peso físico e graça aérea da palavra e do pensamento; de cerimoniosa delicadeza e abandono; de aparente força e feminilidade; que qualquer coisa de reticente, vago e distraído lhe somava. Dir-se-ia que esbanjava delicadezas para ter mais direito a furtar-se, a regressar aos seus esconderijos secretos, ao angustiado mistério do seu espírito. Estava-se, ao mesmo tempo, perante uma criança e um mandarim.»*

*Tocado ele próprio pela ambiguidade física dos «invertidos», Proust viu com amargura o destino sodomítico e a impossibilidade de fazê-lo adaptar-se ao mundo; disfarçou mal uma irritação contra exuberâncias e singularidades copiadas do outro sexo, que comprometiam a dignidade da «raça». E quando quis defender literariamente a «diferença», foi melancólico; desesperou-se com um espelho que existia, afinal, no branco do papel em que escrevia. E talvez por isto gostasse muito de citar — como alguns biógrafos seus afirmam — uma frase de George Eliot: «Há grandes obras que permitem reconciliar o desespero de nós próprios com a deliciosa sensação de uma vida que existe fora de nós.»*

*

— *Qual é, para si, o cúmulo da miséria?* — Estar separado da mamã, *diz o escritor numa primeira série de respostas ao «seu» Questionário. E assim, numa tão simples frase, ele próprio estabelece a desmesura em afectividade que devemos atribuir à mãe proustiana. Quanto ao pai, esse ocupa-lhe lugar menos central e até ensombrado por dificuldades de relação, tal como se depreende, por exemplo, de uma frase de* Em Busca do Tempo Perdido: Para o meu género de inteligência, tinha o meu pai um desprezo suficientemente corrigido pela ternura. *Era o Dr. Adrien Proust, médico avesso a sensibilidades pouco feitas aos aspectos práticos da vida, que observava com mal disfarçada ironia o ritual do beijo nocturno, entre mãe e filho, que ocupará algumas páginas de* Jean Santeuil *e* No Caminho de Swann.

*Esta criança, que se prolongou pela adolescência e pela idade adulta, superprotegida na doença, fez para si própria um projecto sentimental onde devia sacrificar tudo ao amor materno, a uma exigência de prestígio perante os pais, ao esforço de «os merecer». A prática, porém, levantava-lhe obstáculos e fabricava com eles «um remorso». A termos por sinceras as suas declarações a Plantevignes, a ambição literária de* Em Busca do Tempo Perdido *seria sobretudo expiação de um tempo pessoal outrora perdido com forte desaprovação dos pais:* Escrevo para mim, para me libertar, escrevo em memória dos meus queridos pais a quem vou dedicar a obra, e para enfrentar os



pesares e desgostos que antigamente eu lhes causava por perder tempo.

*Entender-se-á, pois, que este filho amante — a viver para a mãe (e com a mãe) até aos 35 anos de idade — não tenha sabido refazer-se de perturbações que a sua morte iria provocar; que uma súbita e grave crise psicológica tenha marcado fundo esse período; que a sua asma, por ela exacerbada, tenha sido obrigada a ir suavizar-se no sanatório de Boulogne-sur-Seine. Tudo isto deixou ele confessado, lamentado, em cartas de ferida bem aberta onde não hesitou em mostrar-se indecorosamente vulnerável:* Tão incapaz a minha mãe me sabia de viver sem ela, por todas as formas desarmado perante a vida, que bastaria ter sentido o medo e a angústia que sinto [...] para sofrer atrozes e ansiosos minutos, que só de imaginá-los me são o mais horrível suplício. [...] De ora em diante a minha vida perderá o seu único objectivo, a sua única brandura, o seu único amor, o seu único consolo. Perdi a que me dava, em paz, em ternura, através de uma incessante vigilância, o único mel da vida que ainda, e por momentos, saboreio com horror neste silêncio tão profundo que ela sabia fazer reinar o dia inteiro à volta do meu sono e o hábito dos criados, por si formados, ainda consente em deixar sobreviver inerte na sua concluída actividade. [...] Abandonar-me porém para sempre, sentindo-me tão pouco capaz de lutar pela vida, deve também ter-lhe sido muito grande suplício. *E acrescenta:* Por certo compreendeu a sensatez desses pais que antes de morrerem matam os próprios filhos.

*Embora lateral à sua obra de escritor, talvez esta fra-*

*se esclareça, como nenhuma outra saída de si, o verdadeiro sentido do texto* Sentimentos Filiais de um Parricida *incluído neste volume; talvez lhe transtorne a interpretação corrente que costuma dá-lo por dissertação sobre a loucura, sobre* uma *loucura. Para Proust, Henri van Blarenberghe não estaria louco no sentido psiquiátrico do termo e, chamando-lhe ele próprio uma vez assim, bem mais parece designar o excesso trágico, sangrento, do acto de um filho amante. Van Blarenberghe suicidou-se porque assassinara aos poucos* tudo aquilo que lhe tinha amor; *porque via,* num corpo querido, o lento trabalho da destruição. *Compreendendo — nessa carta que um dia escreveu — a sensatez dos pais que matam os filhos antes de morrerem, também compreendeu a negra beleza do filho suicida que assassina a mãe antes de morrer. Acto que responde, aqui, a clássicas tradições do comportamento humano; que é encenação trágica de um grande amor filial.*

*

*A morte inseparável, em Proust, da sensação de vida; sombra no quotidiano a perturbar os prazeres, a perturbar os dias.* No fundo da vida *(pode ler-se num dos seus primeiros textos)* ele ouvia sempre a morte que realmente nunca o tinha abandonado e, aqui e além, sem lhe obstruir por completo a vida, a ia minando. Naquela altura tinha mais asma, não conseguia recuperar o fôlego, fazia um doloroso esforço para respirar. E sentia o véu, esse que nos oculta a vida, a morte que em nós existe, a levan-



tar-se, e ele reparava nessa coisa assustadora que respirar, que viver, é.

*Durante trinta anos a sua obra há-de pressentir a morte, atrair a muitas páginas o seu voo rasante, aceitá-la para escurecer alegrias ou fazer-se — como no caso da morte de uma avó — repouso apetecido. No* Tempo Redescoberto *(quase a concluir o seu monumental romance) ainda irá escolhê-la como obsessão:* A morte instalou-se definitivamente em mim como um amor sabe fazê-lo. Não que eu amasse a morte, detestava-a. Mas pensando de vez em quando nela como numa mulher que ainda não amamos, tal pensamento aderia com maior intensidade à mais funda camada do cérebro, ao ponto de não poder ocupar-me de uma coisa sem essa coisa começar por atravessar a ideia da morte e, mesmo sem eu fazer nada, mantendo-me em total repouso, tão incessante companhia a ideia da morte se tornava como a ideia do eu.

*Madame Fraya, vidente, também refere a sua obsessão da morte durante consultas em que ele aparecia, sobretudo para saber qual o futuro da sua obra e a forma como iria morrer. «Era de um estranho nervosismo», recordou certo dia num jornal. «Tinha medo da vida, medo do futuro. Torturado pela asma, receava adoecer gravemente. Além disso, em todo o lado via presságios. Instável, medroso, de uma sensibilidade desconfiada, modesto ao máximo e a duvidar constantemente do seu talento, julgava-se perseguido. Quando os editores lhe recusavam os livros — e acontecia-lhe isso muitas vezes —, em todo o lado via cabalas, manobras de imaginários inimigos. Tinha tendência para exagerar sofrimentos. Fazia-me sempre*

*perguntas sobre dois pontos: o valor das suas obras e o modo como iria morrer. Não me acreditava se eu lhe predizia a celebridade.»*

*Os 51 anos de Marcel Proust não precisavam, numa solidão extenuada por sucessivas crises de asma, de ceder a obsessões para reconhecerem — a poucos passos, já — prenúncios do fim. Mas quinze meses antes de morrer teve um «aviso sério», o percalço que ele soube sobrecarregar de valor emocional bastante para converter num dos episódios mais célebres da sua obra.*

*Uma exposição de pintura holandesa trouxe a Paris a* Vista de Delft *de Vermeer. Proust decidiu quebrar a clausura e fazer uma peregrinação até esse quadro que ele considerava dos seus preferidos. À frente da obra foi porém acometido por um súbito mal-estar, pela sensação de morte iminente cuja descrição iria desviar, inteira, para um episódio que passou a ficar entre os mais amados de toda a sua obra. Emprestando uma experiência pessoal ao escritor Bergotte, imaginou a metáfora da balança que pesava, de um lado a vida, do outro o «milagre» do* pequeno pedaço de parede pintada de amarelo *que resplandece, com brilho transcendente, num pormenor do quadro de Vermeer. Tanta importância atribuía à cena, que várias vezes voltou a introduzir-lhe melhorias e em Novembro de 1922 chegou a emendá-la de novo, numa altura em que já não saberia resistir a mais nenhum ataque de bronquite asmática, nem ao cansaço suplementar de uma tormentosa revisão de provas tipográficas de* Albertine Desaparecida. *Nas* Memórias *de Céleste Albaret encontramo-lo descrito como foi nos últimos dias de vida, em plena*



*desistência física e a ter visões da Morte — mulher, gorda, negra — que lhe rondava o quarto; drástico, a recusar remédios que o médico lhe receitara, a negar a visita de todos os amigos.*

*Às quatro da tarde do dia 18 morreu: exemplo, também ele, de uma «raça maldita», a dos hipersensíveis deste mundo para quem a traiçoeira vida esconde nos seus prazeres, nas inocentes trivialidades, uma insuperável agressão.*

*

*Coleccionadas, as páginas mais célebres de Proust formariam um livro tão cómodo como brilhante; saberiam poupar o leitor, com a pressa de se deter apenas em fulgores, à impaciência de uma calma torrente de duas mil páginas; fariam desfilar, recortados, os* morceaux de bravoure *de* Em Busca do Tempo Perdido *percorrendo as madalenas molhadas em chá de tília, Françoise planta rústica e simbiose dos seus patrões, a sonata de Vinteuil, o escabroso encontro entre Jupien e Charlus, a Ópera em glauca transparência de aquário de monstros marinhos, a morte de Bergotte...*

*Tratando-se, porém, de um autor que tanto esforço fez para demonstrar a existência de uma estrutura contínua na sua obra central, só avaliável quando observada na sua totalidade, parece menos lesivo critério antológico tentar surpreendê-lo — através de textos o mais autónomos possível — não tanto por aquela colecção de fulgurâncias, mas grandes linhas de força da sua personalida-*

*de humana e literária; ou seja, oferecê-lo num desses exercícios, tão seus, sobre a procura do tempo pela memória involuntária, numa dissertação sobre a diferença sexual, numa canção trágica do amor de filho, num singular momento de obsessão pela morte. A este critério acabaram por revelar-se com maior interesse quatro textos:*

— Dias de Leitura *(prefácio à sua tradução de* Sésamo e os Lírios *de Ruskin, mas depois apresentado como texto independente em* Pastiches et Mélanges);

— A Raça Maldita *(que não chegou ao apuro literário final e foi sacrificado, com o projecto* Contre Sainte-Beuve, *a favor de algumas páginas de* Sodoma e Gomorra);

— Sentimentos Filiais de um Parricida, *artigo que um dia espantou os leitores de* Le Figaro *antes de figurar em* Pastiches et Mélanges;

— A Morte de Bergotte, *único exemplo extraído ao romance* Em Busca do Tempo Perdido *(mas, ainda assim, com valor praticamente autónomo dentro de* A Prisioneira), *talvez o mais interessante momento literário de Proust dedicado à morte e à duvidosa certeza do valor póstumo da perfeição artística.*

*O conjunto talvez comece por cantar um persistente poema à melancolia: melancolia da vida, da arte, dos sentimentos; que surge, inevitável, desse tempo proustiano imobilizado sobre o outro, vivido fisicamente e no presente e sem melancolia porque inexorável, de base, na sua corrida para a morte. Mas virá depois o prazer de um jogo, surpreendente na sua magia: «friccione-se a memória do presente na memória do passado... e o Génio aparece.»*

A. F.



# DIAS DE LEITURA

Talvez não haja dias da nossa infância tão plenamente vividos como os que julgámos ter deixado por viver, os que passámos com um livro preferido. Segundo parece, tudo aquilo que ocupava os dias dos outros e nós arredávamos como obstáculo trivial a um prazer divino: a brincadeira que levava um amigo a vir procurar-nos na mais interessante passagem, a abelha ou o raio de sol importunos que nos obrigavam a levantar os olhos da página ou a mudar de lugar, as provisões de merenda que nos tinham obrigado a levar e púnhamos ao lado no banco, sem lhes tocar, enquanto o sol diminuía de força no céu azul por cima da nossa cabeça, o jantar que nos forçara a regressar a casa durante o qual só pensávamos em voltar ao quarto e acabar logo de seguida o capítulo interrompido, tudo isto, que a leitura devia ter-nos impedido de registar em mais qualquer coisa do que a importunidade, em nós gravava, pelo contrário, uma memória de tal modo amena (de tal modo mais preciosa ao nosso actual juízo que as leituras de então, feitas com amor) que hoje, se ainda nos sucede folhear esses livros de outrora, só o fazemos como aos

únicos calendários que guardámos dos dias extintos e com a esperança de ver reflectidas nas suas páginas as mansões e os lagos que já não existem.

Quem se não lembra como eu destas leituras feitas em tempo de férias, que íamos esconder sucessivamente em todas as horas do dia tranquilas e invioláveis o bastante para poderem dar-lhes um asilo? De manhã, voltando do parque quando todos tinham saído em passeio, eu metia-me à socapa na sala de jantar onde ninguém, a não ser a velha Félicie relativamente silenciosa, entraria até à hora ainda remota do almoço e onde eu só teria, por muito respeitosos companheiros de leitura, os pratos pintados que estavam pendurados na parede, o calendário com a folha da véspera arrancada ainda há pouco, o relógio e o fogo que falam sem pedir resposta e cuja conversa suave, vazia de sentido, não vem substituir, como as palavras dos homens, por um sentido diferente o das palavras que lemos. Eu instalava-me numa cadeira perto do fogo de lenha que, durante o almoço, levaria o meu tio matinal e jardineiro a dizer: «Mal não faz! Aguenta-se muito bem um pouco de fogo; garanto-vos que às seis horas estava um senhor frio na horta. Dizer-se que daqui a oito dias é a Páscoa!» Para o almoço que acabaria, ai de mim!, com a leitura, ainda faltavam duas boas horas. De tempos a tempos, ouvia-se o ruído da bomba que iria pôr a água a correr e nos obrigava a levantar os olhos e vê-la através da janela fechada, ali muito perto, na única alameda do pequeno jardim que debruava com tijolos e louça às meias-luas os canteiros com amores-perfeitos: ao que parecia, amores-perfeitos colhidos naqueles céus muito formosos, naqueles céus fur-



tacores e como se reflectidos dos vitrais da igreja que às vezes víamos entre os telhados da aldeia, céus tristes que surgiam antes das tempestades ou depois, muito tarde, quando o dia estivesse para chegar ao fim. Por pouca sorte, a cozinheira vinha pôr a mesa com muita antecedência; se ao menos o fizesse sem falar! Mas julgava-se na obrigação de dizer: «Não está bem assim; e se eu lhe puxasse uma mesa?» No entanto, só para eu responder: «Não, muito obrigado», era preciso parar por completo e trazer de longe a voz que repetia no interior dos lábios, sem ruído, a correr, todas as palavras que os olhos tinham lido; era preciso pará-la, fazê-la sair, e só para dizer como deve ser: «Não, muito obrigado», dar-lhe uma vulgar aparência de vida, uma entoação de resposta que já tinha perdido. A hora passava; muito antes do almoço era frequente começarem a chegar à sala os que tinham abreviado o passeio por fadiga, «cortado por Méréglise», ou nessa manhã não tinham saído porque precisavam «de escrever». Bem diziam: «Não quero incomodar-te», mas não tardava que começassem a aproximar-se do fogo, a ver as horas, a declarar que o almoço já não seria malvindo. Rodeava-se com particular deferência aquele ou aquela que «ficara a escrever» e dizia-se: «Esteve então a escrever umas cartinhas», com um sorriso onde havia respeito, mistério, safadez e prudências, como se as tais «cartinhas» fossem, ao mesmo tempo, um segredo de Estado, uma prerrogativa, uma boa sorte e uma indisposição. Sem esperarar mais, alguns sentavam-se à mesa antes de tempo, nos seus lugares. Isto era desolador porque mau exemplo para os outros que chegavam, havia de fazer parecer que já era meio-dia

e os meus pais dizerem demasiado cedo as fatais palavras: «Vá, fecha o livro, vamos almoçar.» Estava tudo pronto, a mesa totalmente posta em cima da toalha, e só faltava aquilo que apenas traziam no fim da refeição: o aparelho de vidro onde o tio horticultor e cozinheiro fazia pessoalmente o café à mesa, tubular e complicado como um instrumento de física que cheirasse bem e onde era tão agradável ver subir a ebulição súbita na campânula de vidro que depois deixava, nas paredes embaciadas, uma cinza castanha e odorífera; e também as natas e os morangos que o mesmo tio misturava em proporções sempre iguais parando exactamente, com experiência de colorista e dedo de guloso, no cor-de-rosa como devia ser. O almoço, que longo parecia! A minha tia-avó mais não fazia que provar pratos, para dar a sua opinião com uma brandura que suportava, mas não admitia, a contradição. Ao tratar-se de um romance, de versos, coisas em que era muito entendida, com humildade de mulher entregava-se à opinião de mais competentes. Pensava que era onde residia o flutuante domínio do capricho, onde o gosto de um só não pode decidir a verdade. Sobre as coisas com regras e princípios que a sua mãe lhe ensinara, a forma de confeccionar certos pratos, tocar as sonatas de Beethoven e receber com amabilidade, tinha porém a certeza de fazer ideia exacta da perfeição e discernir se os outros se aproximavam mais ou menos dela. Aliás, com essas três coisas a perfeição era quase a mesma: uma espécie de simplicidade nos meios, de sobriedade e sedução. Repelia com horror o facto de alguém condimentar pratos que o não exigissem de todo, tocar com afectação e abuso de pedais, abdicar de uma



perfeita naturalidade ao «receber» e falar de si com exagero. Logo à primeira garfada, às primeiras notas, num simples bilhete, tinha a pretensão de saber se estava metida com uma boa cozinheira, um verdadeiro músico, uma mulher bem educada. «Pode ter melhores mãos do que eu, mas falta-lhe gosto quando toca com tanta ênfase este andante tão simples.» «Pode ser uma mulher muito brilhante e cheia de qualidades, mas revela falta de tacto ao falar de si em tais circunstâncias.» «Pode ser uma cozinheira muito competente, mas não sabe fazer bife com batatas.» O bife com batatas!, tema ideal de concurso, difícil por ser tão simples, espécie de «Sonata Patética» da cozinha, equivalente gastronómico do que é, na vida social, a visita da senhora que vem pedir-nos informações sobre um criado e num acto tão simples pode mostrar méritos ou falta de tacto e de educação. O meu avô tanto brio tinha na sua pessoa que desejaria todos os pratos bem feitos, mas tão pouco percebia de cozinha que nunca sabia se tinham falhado. Acedia em admitir que às vezes assim acontecesse, mas aliás muito raramente e só por efeito de puro acaso. As críticas sempre fundamentadas da minha tia-avó pressupondo, pelo contrário, que a cozinheira não soubera fazer determinado prato, não podiam deixar de parecer-lhe particularmente intoleráveis. Muitas vezes, para evitar discussões com ele, a minha tia-avó não dava opinião depois de ter provado com a ponta dos lábios, o que aliás nos fazia logo saber que era desfavorável. Calava-se, mas nos seus olhos meigos líamos uma desaprovação inamovível e reflectida que tinha o dom de enfurecer o meu avô. Ele pedia-lhe, irónico, para dar a sua opinião, impacientava-se com

o seu silêncio, pressionava-a com perguntas, excedia-se, mas sentíamos mais fácil levá-la ao martírio do que fazê-la confessar a convicção do meu avô: que o doce tinha falta de açúcar.

Logo a seguir ao almoço a minha leitura continuava; principalmente se o dia era de algum calor, cada qual ia meter-se no seu quarto, o que me permitia seguir, pela pequena escada com degraus acanhados, imediatamente para o meu no único andar superior tão baixo que um só salto de criança, das janelas transpostas com uma pernada, bastava para ficarmos na rua. Eu ia fechar a janela sem poder esquivar-me ao cumprimento do armeiro da frente que todos os dias, depois do almoço, a pretexto de baixar os contraventos vinha fumar cachimbo à frente da porta, e dar bons dias a quem passava e às vezes parava para conversar. Estabelecem as teorias de William Morris, tão persistentemente aplicadas por Maple e pelos decoradores ingleses, que um quarto só é belo quanto contém apenas coisas úteis para quem o ocupa e se toda a coisa útil, banal prego ela seja, não estiver dissimulada mas visível. Por cima da cama com varões de cobre e totalmente descoberta, umas quantas reproduções de obras-primas nas paredes despidas desses quartos higiénicos. Avaliado pelos princípios desta estética, o meu quarto não tinha beleza nenhuma, pois estava cheio de coisas que não podiam servir para nada e dissimulavam com pudor o uso das que tinham qualquer utilidade, até ao ponto de torná-lo muitíssimo difícil. Mas justamente destas coisas que lá não estavam para comodidade minha, e só pareciam ter surgido por prazer próprio, é o que o quarto adquiria, para mim, a sua



beleza. Aqueles altos cortinados brancos, a esconderem ao olhar a cama instalada como que no fundo de um santuário; a juncada de mantas em marcelina, de colchas floridas, de cobertas bordadas, de fronhas em batista, debaixo da qual ela se ocultava durante o dia como um altar do mês de Nossa Senhora debaixo de festões e flores, e que à noite, para me poder deitar, eu ia pousar cautelosamente numa poltrona onde consentiam ficar até de manhã; ao lado da cama, a trindade do copo com desenhos azuis, do açucareiro a condizer e da garrafa (logo no dia seguinte ao da minha chegada sem nada dentro, por ordem da minha tia, não fosse eu «derramá-la»), uma espécie de instrumentos de culto — quase tão santos como o precioso licor de flores de laranjeira deixado ao pé deles, numa âmbula de vidro — que eu não julgava mais susceptíveis de profanação, ou mesmo possível destiná-los a uso pessoal, do que se fossem cibórios consagrados, mas que fitava durante muito tempo, antes de me despir, receoso de os deitar abaixo com um gesto em falso; essas pequenas estolas de renda aberta que atiravam uma capa de rosas brancas às costas das poltronas e alguns espinhos teriam, com certeza, pois sempre que acabava de ler e me queria levantar reparava que vinha agarrado a elas; aquela redoma de vidro onde o relógio, isolado de banais contactos, tagarelava intimamente com as conchas trazidas de longe e uma velha flor sentimental, mas tão pesado, quando o levantavam, que o relojoeiro e mais ninguém teria sido imprudente o bastante para resolver dar-lhe corda; aquela toalha branca de guipure que, atirada como um paramento de altar para cima da cómoda enfeitada com duas jarras, com uma imagem

do Salvador e um ramo de buxo bento, fazia-a parecer a Santa Mesa (e um genuflexório ali deixado todos os dias, quando acabavam de «arrumar o quarto», rematava a ilusão), mas com as franjas sempre metidas na fenda das gavetas, paralisando-lhe de tal maneira o jogo que eu nunca podia tirar um lenço sem fazer cair de repente imagem do Salvador, vasos sagrados e ramo de buxo bento, e eu próprio tropeçar e me agarrar ao genuflexório; por fim, a sobreposição tripla de pequenos cortinados de estamenha, grandes cortinados de musselina e cortinados ainda maiores de basim, sempre a sorrirem naquela brancura de espinheiro-alvar tantas vezes ensolarada, mas no fundo tão irritantes pela sua imperícia e teimosia em brincar à volta das ripas de madeira paralelas, e prenderem-se uns nos outros e todos na janela, mal eu queria abri-la ou fechá-la e, se conseguia soltar o primeiro, logo um segundo ficava pronto a tomar de imediato o seu lugar nas juntas que eles sabiam vedar tão bem como uma sebe de verdadeiros espinheiros-alvares ou como ninhos de andorinha que tivessem tido a fantasia de se instalar ali, e por isso uma operação tão simples na aparência, como esta de abrir ou fechar a minha janela, nunca eu chegava a consumá-la sem alguém da casa me ajudar; todas estas coisas, que além de não poderem dar resposta a nenhuma das minhas necessidades até constituiam um entrave ligeiro, aliás, à sua satisfação, que nunca tinham sido lá postas para utilidade de ninguém, como era evidente, povoavam-me o quarto com pensamentos apesar de tudo pessoais, com esse ar de predilecção que era terem escolhido viver ali e gostarem disso, vulgar entre as árvores numa clareira, vulgar entre as flores



à beira dos caminhos e nos velhos muros. Enchiam-no com uma vida silenciosa e variada, com um mistério onde a minha pessoa se encontrava ao mesmo tempo perdida e seduzida; faziam daquele quarto uma espécie de capela onde o sol — se atravessava os pequenos vidros vermelhos que o meu tio intercalara no cimo das janelas —, depois de orvalhar o espinheiro-alvar das cortinas estampava nas paredes clarões muito estranhos, como se a pequena capela estivesse encerrada numa maior nave de vitrais; e onde o ruído dos sinos chegava tão forte, pois tínhamos a casa perto da igreja e, aliás, em dias de grande festa a ela nos ligavam os altares móveis, por um caminho de flores, que eu podia imaginá-los tocados no nosso telhado, mesmo por cima da janela de onde era costume eu cumprimentar o padre de breviário na mão, a minha tia que regressava das vésperas, ou o menino-de-coro que nos trazia pão bento. Quanto à fotografia que Brown tinha tirado à *Primavera* de Botticelli, ou à reprodução moldada da *Mulher Desconhecida* do museu de Lille que, nas paredes e sobre a chaminé dos quartos de Maple, são a parte que William Morris concede à beleza inútil, devo confessar que eram substituídos no meu quarto por uma espécie de gravura a representar o Príncipe Eugénio terrível e belo no seu dólman, o mesmo que uma noite me surpreendeu muito ver, terrível e belo de novo, num grande fragor de locomotivas e granizo à porta de um restaurante de estação onde fazia publicidade a uma marca de biscoitos. Hoje desconfio que o meu avô tê-la-ia recebido outrora da generosidade de um fabricante, como brinde, antes de a instalar no meu quarto para sempre. Mas nessa altura não me interessava a sua

origem, que me parecia histórica e misteriosa, nem supunha que houvesse vários exemplares daquilo que eu considerava uma pessoa, um habitante permanente do quarto que eu me limitava a partilhar com ele e onde voltava a encontrá-lo todos os anos, sempre igual a si próprio. Agora faz muito tempo que o não vejo, e suponho que nunca mais voltarei a vê-lo. Mas se tal sorte me calhasse, creio que bastantes mais coisas ele teria a dizer-me do que a *Primavera* de Botticelli. Deixo as pessoas de bom gosto enfeitarem a sua casa com reproduções de obras-primas que admirem, e pouparem à memória o fardo de conservar delas uma preciosa imagem, confiando-a a um caixilho de madeira trabalhada. Deixo as pessoas de gosto fazerem do seu quarto a verdadeira imagem do gosto que têm, e encherem-no só com coisas que ele possa aprovar. Quanto a mim, apenas me sinto a viver e a pensar num quarto onde tudo é criação e linguagem de vidas profundamente diferentes da minha, de um gosto que se opõe ao meu, onde nada encontro do meu pensamento consciente, onde a minha imaginação se exalta ao sentir-se mergulhada no seio do não-eu; só me sinto feliz quando ponho os pés — Avenida da Estação, no porto ou na Praça da Igreja — num desses hotéis provincianos de corredores compridos e frios onde o vento lá de fora batalha com êxito contra os esforços do calorífero, onde o pormenorizado mapa geográfico da região ainda é enfeite único das paredes, onde cada ruído só serve para o silêncio surgir por deslocamento, onde os quartos conservam um perfume a fechado que o ar livre vem lavar mas não apaga e as narinas aspiram cem vezes para o transportar à imaginação por ele encantada,



que o faz posar como um modelo para tentar recreá-lo dentro de si com tudo o que ele contém de pensamentos e memória; onde à noite, se abrirmos a porta do quarto, temos a sensação de violar toda a vida que ali ficou dispersa, agarrá-la afoitamente pela mão quando chegamos, depois de fechada a porta, até mais adiante, à mesa ou à janela; de nos sentarmos numa espécie de livre promiscuidade com ela, no sofá que o estofador da capital do distrito executou de acordo com o que entendia ser o gosto de Paris; de em todo o lado atingirmos a nudez dessa vida, com o fim de nos perturbarmos pela nossa própria familiaridade, deixando aqui e além os objectos pessoais, representando o papel de dono nesse quarto cheio até à borda com a alma dos outros e que chega a conservar, na forma dos cães da chaminé e no desenho das cortinas, a marca do seu sonho, andando descalço no tapete desconhecido; e então, quando formos correr, muito trémulos, o ferrolho, teremos a sensação de aprisionar junto de nós essa vida secreta, de empurrá-la à nossa frente para a cama e de acabar por dormir com ela nos grandes lençóis brancos que nos passam por cima da cara enquanto a igreja, muito perto, dá a toda a cidade as horas de insónia dos moribundos e dos apaixonados.

Não estava eu a ler há muito tempo no quarto e já eram horas de ir ao parque, a um quilómetro da aldeia. Depois da brincadeira obrigatória eu abreviava, porém, o fim da merenda que ia em cestos e era distribuída às crianças na margem do ribeiro, naquela erva onde o livro tinha sido largado, com proibição de voltar a pegar nele. Um pouco mais longe, em certos recantos bastante selva-

gens e misteriosos do parque, o ribeiro deixava de ser uma água rectilínea e artificial, coberta de cisnes, contornada por alamedas onde sorriam estátuas e, durante alguns momentos a saltitar de carpas, precipitava-se, passava em andamento rápido a vedação do parque, transformava-se em ribeiro no sentido geográfico da palavra — um ribeiro que devia ter nome — e não tardava a espalhar-se (o mesmo, na verdade, que entre as estátuas e debaixo dos cisnes?) no meio de pastagens onde dormiam vacas e havia botões-de-ouro que ele afogava, espécie de pradarias que tornava bastante encharcadas e, esbarrando por um lado com a aldeia de torres informes, dizia-se que restos da Idade Média, pelo outro, através de caminhos a subir, com roseiras bravas e espinheiros-alvares, iam dar à «natureza» estendida até ao infinito, a aldeias com nomes diferentes, ao desconhecido. Eu deixava os outros acabarem a merenda na parte baixa do parque, ao pé dos cisnes, e a correr pelo labirinto subia a certa alameda com árvores onde me sentava, impossível de encontrar, encostado às aveleiras podadas, tendo à vista a plantação de espargos, as orlas de morangueiros, o tanque para onde os cavalos faziam a água subir em certos dias, puxando à nora, a porta branca que era, lá em cima, «o fim do parque», e além dela os campos de acianos e papoilas. Nessa alameda o silêncio era profundo, o risco de ser descoberto quase nulo, e a segurança fazia-se mais amena com os gritos afastados e que em vão me chamavam lá de baixo, que às vezes chegavam mesmo a aproximar-se, a subir os primeiros taludes, a procurar por todo o lado e depois a voltar para trás sem encontrar nada; mais nenhum ruído, então; só o som de



ouro dos sinos que ao longe, para lá dos prados, parecia de tempos a tempos retinir atrás do céu azul, teria podido avisar-me da hora que passava; surpreendido, porém, com a sua amenidade, impressionado pelo mais profundo silêncio que o seguia, esvaziado dos últimos sons, eu nunca chegava a estar certo do número de badaladas. Não se tratava dos sinos ressoantes que, ao entrarmos na aldeia — quando nos aproximámos da igreja que ao pé tinha readquirido a grande e rígida estatura, erguendo sobre o azul da tarde o capucho de ardósia pontuado a corvos —, ouvíamos a fazer voar o som em estilhaços pela praça, «destinando-o aos bens da terra». No fim do parque elas só conseguiam chegar enfraquecidas e brandas, e não dirigidas a mim mas a todo o campo, a todas as aldeias, aos camponeses isolados nas suas terras de forma alguma me obrigavam a levantar a cabeça, passavam ao pé de mim levando a hora a terras distantes, sem me ver, sem me conhecer nem incomodar.

E algumas vezes em casa, na cama muito depois do jantar, também as últimas horas da noite me davam abrigo à leitura, mas isto só nos dias em que eu chegava aos últimos capítulos de um livro, em que eu já não teria mais nada que ler para chegar ao fim. Arriscando-me, então, a ser castigado se me descobrissem, e à insónia que, uma vez acabado o livro, talvez se prolongasse pela noite inteira, mal os meus pais se deitavam eu voltava a acender a vela enquanto na rua, bem perto, entre a casa do armeiro e os correios, por todo o céu escuro e no entanto azul havia estrelas banhadas em silêncio, e à esquerda, na ruela em aterro que começava numa curva a sua sobreelevada as-

censão, sentia-se que estava de vigília, monstruosa e negra, a ábside da igreja com esculturas que à noite não dormiam, a igreja aldeã e no entanto histórica, morada mágica de Nosso Senhor, do biscoito abençoado, dos santos multicores e das senhoras dos castelos vizinhos que em dias de festa atravessavam o mercado e faziam cacarejar galinhas, e comadres embasbacarem-se, que vinham à missa «nas suas parelhas» não sem comprarem no regresso, ao pasteleiro da praça e mal deixassem a sombra do portal onde os fiéis semeavam os rubis errantes da nave, quando empurrassem a porta giratória, alguns desses bolos em forma de torre e protegidos do sol por um estore — os «manqués», os «saint-honorés» e as «génoises» — com um ocioso e açucarado cheiro que me ficou associado aos sinos da missa solene e à alegria dos domingos.

Depois de lida a última página, o livro estava acabado. Era preciso travar a desvairada corrida dos olhos e da voz que andavam sem ruído e só paravam para ganhar fôlego, com um suspiro profundo. E então, para dar outros movimentos a dirigir àqueles tumultos que eu já trazia à solta tempo de mais para se acalmarem assim, levantava-me, punha-me a andar ao lado da cama com os olhos ainda fixos num ponto qualquer que seria inútil procurar no quarto ou lá fora, pois só estava situado a uma distância de alma, uma destas distâncias que se não medem por metros ou léguas, como as outras, e aliás não se podem confundir com elas quando olhamos para os olhos «distantes» dos que pensam «noutra coisa». Mas então o quê! O livro só era isto? Aquelas criaturas, a quem tínhamos dado atenção e ternura maiores do que às pessoas da vida, sem



nunca nos atrevermos a confessar como lhes tínhamos querido tanto, chegando mesmo a fechar o livro com indiferença afectada ou falso tédio, se os nossos pais nos apanhavam a ler e parecia que sorriam da nossa emoção; aquela gente, que nos tinha feito ofegar e soluçar, não mais a veríamos, mais nenhuma notícia teríamos dela. O próprio autor, ao fim de umas poucas páginas do cruel «Epílogo» tivera o cuidado de as «adiar» com uma indiferença incrível para quem sabia do interesse com que ele as seguira passo a passo até ali. Tinha-nos sido contado que emprego davam a cada hora da sua vida. Depois, de repente: «Vinte anos passados sobre estes factos, nas ruas de Fourgères (1) podia encontrar-se um velhote de costas ainda direitas, etc.» E o casamento, que dois volumes inteiros nos tinham feito entrever como deliciosamente possível, assustando-nos e logo a seguir alegrando-nos com cada obs-

---

(1) Confesso que determinado emprego do imperfeito do indicativo — desse tempo cruel que nos apresenta a vida como qualquer coisa simultaneamente efémera e passiva, e no próprio instante em que descreve as nossas acções as deixa afectadas de ilusão, anuladas no passado e sem nos dar, como o perfeito, a consolação da actividade — para mim manteve-se inesgotável fonte de misteriosas tristezas. Ainda hoje posso pensar com alma na morte, durante horas, mas basta-me abrir um volume dos *Lundis* de Sainte-Beuve e cair, por exemplo, nesta frase de Lamartine (trata-se da Sr.ª d'Albany): «Naquela época, nada *retínhamos* da sua pessoa... *Era* uma mulher pequena cujo corpo, um tanto curvado com o peso, perdera, etc.», para me sentir logo invadido pela mais profunda melancolia. — Nos romances, a intenção de nos meter pena é neste autor tão visível, que ainda lhe resistimos um pouco mais. *(N. do A.)*

táculo levantado e depois aplanado, por acessória frase de uma personagem secundária ficávamos a sabê-lo já celebrado, ignorando ao certo em que altura, nesse espantoso epílogo ao que parecia escrito do alto céu por uma pessoa indiferente às nossas paixões de um só dia e que fazia as vezes de autor. Tanto desejaríamos que o livro continuasse e, sendo isto impossível, nos desse outras informações sobre todas aquelas personagens, qualquer coisa nos fizesse saber ainda sobre a sua vida, empregar a nossa em coisas não totalmente alheias ao amor que elas nos tinham inspirado (2) e cuja finalidade nos falhava de repente, não ter,

---

(2) Por uma espécie de desvio, podemos tentá-lo com os livros que não sejam de imaginação pura e onde exista um substracto histórico. Balzac, por exemplo, cuja obra de algum modo impura tem uma amálgama de espírito e realidade muito pouco transformada, às vezes presta-se, de forma singular, a este género de leitura. Ou, pelo menos, encontrou o mais admirável dos tais «leitores históricos» em Albert Sorel, que escreveu incomparáveis ensaios sobre *Um Caso Tenebroso* e *O Reverso da História Contemporânea*. Como a leitura, prazer ao mesmo tempo ardente e sereno parece, de resto, convir tanto a Sorel, esse espírito investigador, esse corpo calmo e cheio de força; a leitura, durante a qual mil sensações de poesia e confuso bem-estar, que levantam jubilosamente voo do fundo de boa saúde, vêm compor um prazer tão suave e dourado como o mel, à volta do devaneio do leitor! — Aliás, esta arte de encerrar tantas meditações originais e fortes numa leitura, só a propósito de obras meias históricas soube Sorel levá-la a tal perfeição. Hei-de lembrar-me sempre — e até que ponto reconhecido — como o meu estudo sobre a *Bíblia de Amiens* foi tema, para ele, das mais fortes páginas que, por certo, alguma vez escreveu. *(N. do A.)*



durante uma hora, amado inutilmente criaturas que no dia seguinte seriam só um nome numa página esquecida, num livro sem relação com a vida e sobre o valor do qual nos tínhamos equivocado, pois o destino que tem aqui, entre nós, compreendemo-lo agora e os nossos pais já no-lo explicavam com uma frase desdenhosa, quando se fazia caso disso, de forma alguma era abarcar o universo e o destino, como julgáramos, mas ocupar um lugar muito acanhado na biblioteca do notário, entre os anais carregados de prestígio do *Journal de Modes Illustré* e da *Géographie d'Eure-et-Loir*.

*

... Antes de tentar mostrar, no umbral dos «Tesouros dos Reis», por que não deve a Leitura, na minha opinião, desempenhar na vida o preponderante papel que Ruskin lhe atribui nesta pequena obra, eu deveria pôr fora de questão as encantadoras leituras da infância cuja memória deve manter-se, para cada um de nós, uma bênção. Por certo, a extensão e o carácter do desenvolvimento que precede só me levaram a deixar bem provado aquilo que eu comecei por adiantar a seu respeito: que sobretudo retêm em nós a imagem dos lugares e dos dias em que as fizemos. Não escapei ao seu sortilégio: querendo falar delas, de tudo falei menos de livros porque não foi deles que elas me falaram. Mas as próprias recordações que, uma após outra, me deixaram, talvez tivessem de igual forma despertado no leitor e, enquanto se demoravam por esses floridos e recatados caminhos, o levassem a recriar no espírito o

acto psicológico original chamado *Leitura* com força bastante para ele poder agora seguir, como que no interior de si próprio, umas quantas reflexões que me resta expor.

Como se sabe, «Tesouros dos Reis» é uma conferência sobre a leitura que Ruskin deu em 6 de Dezembro de 1864 na Câmara Municipal de Rusholme, perto de Manchester, contribuindo para criar uma biblioteca no Instituto de Rusholme. Em 14 de Dezembro proferia uma segunda sobre o papel da mulher, «Jardins das Rainhas», contribuindo para fundar escolas em Ancoats. «Durante todo esse ano de 1864 — diz Collingwood na sua admirável obra *Life and Work of Ruskin* — manteve-se *at home*, excepto para fazer frequentes visitas a Carlyle. E em Dezembro, quando deu em Manchester os cursos que ficaram, com o nome de *Sésamo e os Lírios*, a sua obra mais popular, nas mais brilhantes cores do seu pensamento podemos discernir-lhe o melhor estado de saúde física e intelectual. Podemos reconhecer o eco das suas conversas com Carlyle no ideal heróico, aristocrático e estoico que propõe, e na insistência com que volta ao valor dos livros e das bibliotecas públicas, pois Carlyle era o fundador da London Biblioteca (3)...»

Quanto a nós, que só queremos discutir aqui a tese de Ruskin em si mesma, sem nos ocuparmos das suas origens históricas, podemos resumi-la com bastante exactidão nestas palavras de Descartes: «A leitura de todos os bons livros como que é uma conversa com as melhores pessoas

(3) Assim se traduz o *London Bibliotèque* que Proust escreveu por London Library. *(N. do T.)*



dos séculos passados, que foram seus autores.» Ruskin talvez não tenha conhecido este pensamento, aliás um pouco árido, do filósofo francês; mas na sua conferência encontramo-lo realmente em todo o lado, sucedendo apenas que envolto num ouro apolíneo em que as brumas inglesas se desfazem, semelhante àquele com que a glória ilumina as paisagens do seu pintor preferido (4). «Supondo, diz ele, que em nós haja vontade e inteligência bastantes para escolher bem os amigos, como há tão poucos, entre nós, que tenham força para isso, e como é limitada a esfera das nossas escolhas! Não podemos conhecer quem queremos... Com boa sorte podemos vislumbrar um grande poeta e ouvir-lhe o som da voz, ou fazer uma pergunta a um homem de ciência que nos dará uma resposta amável. Podemos usurpar dez minutos de conversa no gabinete de um ministro, uma vez na vida ter o privilégio de reter o olhar de uma rainha. Pois assim mesmo somos ávidos a desejar estes fugidios acasos, perdemos os nossos anos, as nossas paixões e as nossas faculdades atrás de um pouco menos do que isto, quando afinal existe, ao mesmo tempo, uma sociedade que nos está continuamente aberta de pessoas que falariam connosco quanto tempo desejássemos, qualquer que fosse a nossa posição. E esta sociedade, porque é assim tão numerosa e amena, e podemos fazê-la esperar ao pé de nós um dia inteiro — reis e homens de Estado a esperarem com paciência, não para concederem uma audiência mas obtê-la —, nunca vamos procurá-la nestas an-

(4) Não será difícil afirmar que se trata de William Turner. *(N. do T.)*

tecâmaras simplesmente mobiladas que as prateleiras das nossas bibliotecas são, nunca ouvimos uma palavra do que teriam a dizer-nos (5).» «Dir-me-eis talvez, acrescenta Ruskin, que ao preferirdes falar com vivos é porque podeis ver-lhes o rosto», etc., e refutando esta primeira objecção, e depois uma segunda, mostra que a leitura é exactamente uma conversa com homens muito mais instruídos e mais interessantes do que estes que podemos ter ocasião de conhecer à nossa volta. Nas notas que escrevi para acompanharem este volume tentei mostrar que a leitura não poderia ser comparada assim, a uma conversa, fosse travada com o mais instruído dos homens; que a essencial diferença entre um livro e um amigo não está na maior ou menor erudição mas na forma de comunicarmos com eles, e que a leitura, ao contrário da conversa, consiste para cada um de nós em receber comunicação de outro pensamento mas solitariamente, quer dizer, continuando a gozar da força intelectual que a solidão nos dá e a conversa imediatamente dissipa, continuando a ser possível estarmos inspirados, a prosseguir em pleno e fecundo trabalho do espírito sobre si próprio. Se Ruskin tivesse extraído as consequências de outras verdades que algumas páginas à frente enuncia, teria sido provável que chegasse a uma conclusão análoga à minha. É evidente, porém, que não procurou chegar ao verdadeiro âmago da ideia de *leitura*. Para nos fazer saber o preço da leitura só quis contar-nos uma espécie de formoso mito platónico com a mesma simplicidade dos Gregos, que nos revelaram, mais ou menos,

(5) Em *Sésamo e os Lírios*, «Tesouros dos Reis», 6. *(N. do A.)*



todas as ideias verdadeiras e deixaram aos escrúpulos modernos o cuidado de as aprofundar. Mas se eu acreditar que a leitura, na sua essência original, neste milagre fecundo de comunicar em plena solidão, é qualquer coisa mais, qualquer coisa diferente daquilo que Ruskin disse, ainda assim não acreditarei possível reconhecer-lhe o papel preponderante que ele parece atribuir-lhe na nossa vida espiritual.

Os limites do seu papel advêm da natureza das suas virtudes. E ainda às leituras da infância perguntarei no que consistem tais virtudes. O livro que ainda há pouco me vistes ler à lareira da sala de jantar, no meu quarto, na fundura da poltrona revestida com um apoia-cabeças de renda, e durante as belas horas da tarde debaixo das aveleiras e dos espinheiros-alvares do parque onde as aragens dos campos infinitos chegam todas de tão longe para brincar em silêncio ao pé de mim apresentando-me às narinas distraídas, sem dizer palavra, o cheiro dos trevos e dos sanfenos que os meus olhos cansados às vezes fitavam; esse livro, já que os vossos olhos não poderiam decifrar-lhe o título a vinte anos de distância, mesmo que se aproximassem dele, vai a minha memória, de vista mais apropriada a tal género de percepções, dizer-vos qual era: *O Capitão Fracasse* de Théophile Gautier. Acima de tudo eu gostava de duas ou três frases que me surgiam como as mais belas e originais da obra. Não imaginava mais nenhum autor que alguma vez tivesse escrito outras que lhes fossem comparáveis. Sentia, porém, que a sua beleza correspondia a uma realidade, e Théophile Gautier só no-la deixava entrever uma ou duas vezes por volume, numa pe-

quena parcela. E pensando que ele a conhecia de certeza inteira, teria gostado de ler outros livros seus com todas as frases tão bonitas como aquelas e referindo-se às coisas sobre as quais eu desejaria vê-lo emitir opinião. «De forma alguma o riso é cruel por natureza; distingue o homem do animal e, tal como consta da *Odisseia* de Homerus, poeta greciano, é apanágio dos deuses imortais e bem-aventurados que riem olimpicamente, até se fartarem, durante os ócios da eternidade (6).» Esta frase provocava-me uma verdadeira embriaguez. Eu julgava descobrir uma antiguidade maravilhosa através da Idade Média que só Gautier podia revelar-me. Mas teria gostado que, em vez de dizer

(6) Na realidade, tal frase não se encontra no *Capitão Fracasse*, pelo menos com esta forma. Em vez de «tal como consta da *Odisseia* de Homerus, poeta greciano», está lá apenas «segundo Homerus». No entanto, como as expressões «consta de Homerus», «consta da *Odisseia*», que aliás se encontram na mesma obra, me davam um prazer de qualidade idêntica, para o exemplo impressionar mais o leitor permiti-me fundir todas essas belezas numa só, já que hoje não tenho por elas, a bem dizer, religioso respeito. Aliás, ainda no *Capitão Fracasse* Homerus é qualificado como poeta greciano, e não duvido de que também isto me encantasse. No entanto, já sou incapaz de relembrar com exactidão bastante estas jóias esquecidas, para ter a certeza de que não forcei a nota e ultrapassei a medida acumulando numa só frase tantas maravilhas! Contudo, não acredito. E penso com pesar que a minha exaltação, ao repetir a frase do *Capitão Fracasse* àqueles lírios e àquelas pervincas inclinados para as margens do ribeiro, enquanto espezinhava o saibro da alameda, mais deliciosa ainda teria sido se eu pudesse encontrar numa só frase de Gautier tantas seduções como hoje reúne o meu artifício sem conseguir dar-me, infelizmente, nenhum prazer. *(N. do A.)*



isto de modo furtivo e depois da descrição aborrecida de um castelo que o número excessivo de termos meus desconhecidos impedia, o mais possível, de imaginar, ele escrevesse livro fora frases daquele género e me falasse de coisas que eu pudesse continuar a conhecer e a amar uma vez terminada a obra. Teria gostado que ele, único erudito detentor da verdade, me dissesse o que eu devia pensar ao certo sobre Shakespeare, Saintine, Sófocles, Eurípedes, sobre o Silvio Pellico que eu lera durante um mês de Março muito frio, a andar, a bater com os pés, a correr pelos caminhos cada vez que fechava o livro com a exaltação da leitura terminada, das forças acumuladas na imobilidade e do vento saudável que soprava nas ruas da aldeia. Teria gostado, sobretudo, que me dissesse se eu teria mais possibilidades de alcançar a verdade repetindo ou não a sexta classe e sendo mais tarde diplomata ou advogado no Supremo Tribunal de Justiça. No entanto, mal terminava a bela frase punha-se a descrever uma mesa coberta «com uma tal camada de pó, que um dedo poderia traçar letras em cima dela», coisa banal de mais aos meus olhos para conseguir reter-me sequer a atenção; e eu condenava-me a perguntar a mim próprio que outros livros Gautier teria escrito, capazes de dar à minha aspiração contentamento maior e dar-me a conhecer, enfim, a totalidade do seu pensamento.

E será esta, com efeito, uma das grandes e maravilhosas características dos belos livros (que nos fará compreender o papel, ao mesmo tempo essencial e limitado, que a leitura pode desempenhar na nossa vida espiritual), a que o autor poderia chamar «Conclusões» e o leitor

«Instigações». Percebe-se muito bem que a nossa erudição começa onde termina a do autor e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando o máximo que pode fazer é dar-nos desejos. E estes desejos só pode fazê-los despertar em nós dando-nos a contemplar a suprema beleza que o derradeiro esforço da sua arte lhe permitiu atingir. Devido, porém, a uma lei singular e aliás providencial da óptica dos espíritos (lei que talvez signifique impossibilidade de recebermos a verdade de alguém, e que devemos nós próprios criá-la), aquilo que é final da sua erudição só nos surge como começo da nossa e, desta forma, no momento em que nos dizem tudo quanto era possível dizer-nos, desperta em nós a sensação de ainda não terem dito nada. Aliás, se lhes fazemos perguntas a que não podem responder, também lhes pedimos respostas que não iriam elucidar-nos. Porque um efeito do amor é aquilo que os poetas em nós despertam quando nos fazem dar uma importância literal a coisas que só têm significado para eles como emoções pessoais. Em cada quadro que mostram só parecem dar-nos um breve resumo de um lugar maravilhoso, diferente do resto do mundo e em cujo âmago desejaríamos que nos fizessem penetrar. «Leve-nos», gostaríamos de dizê-lo a Maeterlinck, a M^me^ de Noailles, «até ao jardim da Zelândia onde crescem as flores fora de moda», pela estrada com perfume «a trevo e artemísia», e «a todos os sítios da terra que não citastes nos vossos livros mas achais tão belos como aqueles.» Gostaríamos de ir ver esse campo que Millet (porque os pintores ensinam à maneira dos poetas) mostra na sua *Primavera*, gostaríamos que Claude Monet nos levasse a Giverny na margem do Sena, a essa



curva de rio que mal nos deixa vislumbrar através da névoa matinal. Ora, na realidade só banais acasos de relações ou parentesco lhes deram oportunidade de passar ou fazer uma estada ao pé deles, levando M^me^ de Noailles, Maeterlinck, Millet, Claude Monet a escolher aquela estrada, aquele jardim, aquele campo, aquela curva de rio, e não outros, para pintar. O que os faz parecer diferentes e mais belos do que o resto do mundo é transportarem com eles, como inapreensível reflexo, a sensação que causaram no génio e veríamos deambular, de igual modo especial e despótica, na indiferente e submissa face de todas as terras que tivessem pintado. Esta aparência que usam para nos seduzir e decepcionar, e além da qual desejaríamos ir, é a verdadeira essência dessa coisa por assim dizer sem espessura — miragem parada numa tela — que uma visão é. E aquela névoa que os nossos olhos ávidos desejariam devassar é a última palavra da arte do pintor. Tanto o supremo esforço do escritor como o do artista só nos conseguem soerguer parte do véu de fealdade e de insignificância que nos deixa incuriosos perante o universo. Diz-nos então: «Vê, vê,

*Perfumadas a trevo e artemísia,*
*A estreitarem seus vivos e apertados ribeiros,*
*As terras do Aisne e Oise.*

«Vê a casa de Zelândia, rosada e a luzir como uma concha. Vê! Aprende a ver!» E, nesse momento, ele desaparece. É este o preço da leitura e também esta a sua insuficiência. É darmos um papel grande de mais ao que não

passa de iniciação, fazendo com ela uma disciplina. A leitura está no limiar da vida espiritual; pode introduzir-nos nela: não constitui essa vida.

No entanto há certos casos, certos casos patológicos por assim dizer, de depressão espiritual, em que a leitura pode fazer-se uma espécie de disciplina curativa e, através de incitamentos repetidos, ser encarregada de voltar a introduzir perpetuamente um preguiçoso espírito na vida do espírito. Junto deste os livros desempenham, então, um papel análogo ao dos psicoterapeutas junto de alguns neurasténicos.

Sabe-se que em certas afecções do sistema nervoso o doente, mesmo sem ter nenhum dos órgãos directamente atingido, fica soterrado numa espécie de impossibilidade de querer, como num sulco profundo de onde não pode sair sozinho e onde acabaria por perecer se uma forte e prestável mão lhe não fosse estendida. O seu cérebro, as suas pernas, os seus pulmões, o seu estômago, ficam intactos. Não tem nenhuma capacidade real para trabalhar, andar, expor-se ao frio, comer. Porém, estes diferentes actos, que ele seria muito capaz de consumar, é incapaz de querê-los. E uma perda de poder orgânico, que acabaria por tornar-se o equivalente das doenças que ele não tem, seria a consequência irremediável da inércia da sua vontade se o impulso que não pode encontrar em si próprio lhe não chegasse de fora, de um médico que vai querer por ele até ao dia em que forem a pouco e pouco reeducados os seus diversos quereres orgânicos. Ora, há certos espíritos que poderíamos comparar a estes doentes e que uma espé-



cie de preguiça (7) ou frivolidade impede de descerem espontaneamente às profundas regiões de si próprios onde a verdadeira vida do espírito começa. Não que sejam incapazes de descobrir e explorar aí verdadeiras riquezas, uma vez que lá sejam conduzidos, mas sem haver esta intervenção estranha vivem à superfície num perpétuo esquecimento de si mesmos, numa espécie de passividade

---

(7) Sinto-a embrionária em Fontanes, de quem Sainte-Beuve disse: «Este lado epicuriano, tinha-o bem forte,... Sem esses hábitos um pouco materiais, teria Fontanes produzido, com o seu talento, bastante mais... e obras de maior duração.» Repare-se que o impotente acha sempre que o não é. Diz Fontanes assim:

*Perco o meu tempo, se formos no que dizem,*
*Do século só eles são a glória,*

e garante que trabalha muito.

Já o caso de Coleridge é mais patológico. «Nenhum homem do seu tempo, nem talvez de nenhum tempo, diz Carpenter (citado por Ribot no seu belo livro sobre as Doenças da Vontade), reuniu mais força do raciocínio do filósofo, imaginação do poeta, etc, do que Coleridge. E no entanto não há quem tenha sido dotado, também, de talentos tão grandes, e extraído deles tão pouco: o grande defeito do seu carácter era a falta de vontade para tirar proveito dos dons naturais e, apesar de ter sempre a flutuar no espírito gigantescos projectos, foi ao ponto de nunca ter tentado seriamente executar um só, que fosse. E assim encontrou, desde o início da carreira, um generoso livreiro que lhe prometeu trinta guinéus por uns poemas que ele tinha recitado, etc., mas Coleridge preferiu pedir-lhe esmola todas as semanas sem fornecer uma só linha desse poema que bastaria ele ter escrito para se libertar.» *(N. do A.)*

que os transforma em brinquedo de todos os prazeres, deixa reduzidos à dimensão daqueles que os rodeiam e agitam e, tal como o fidalgo que já não recordava o seu próprio nome por ter partilhado, desde criança, uma vida de ladrões de estrada e por ter deixado de usá-lo há muito tempo, também eles acabariam por abolir em si todo o sentimento e toda a memória da sua própria nobreza espiritual se um impulso exterior não viesse, por assim dizer, reintroduzi-los à força na vida do espírito onde recuperam subitamente o poder de pensar por si próprios e criar. Ora, este impulso que o espírito preguiçoso não pode encontrar em si mesmo e deve chegar-lhe de outrem terá de recebê-lo, como é evidente, em plena solidão e, já o vimos, fora desta não poderá dar-se a actividade criadora que se trata, precisamente, de ressuscitar nele. Da pura solidão não saberia o preguiçoso espírito extrair nada, pois é incapaz de pôr a funcionar sozinho a sua actividade criadora. Mas a conversa mais elevada, os mais solícitos conselhos também já não iriam servir-lhe para nada porque não podem produzir directamente essa actividade original. O necessário, pois, será uma intervenção que, chegando embora de outro, seja feita no fundo de nós próprios, na verdade o impulso de outro espírito mas recebido em plena solidão. Ora, nós vimos que isto era precisamente a definição de leitura, e que apenas à leitura convinha. A única disciplina capaz de exercer uma influência favorável sobre tais espíritos é, pois, a leitura: como queríamos demonstrar, dizem os geómetras. Mas só a leitura ainda aqui actua à maneira de um incitamento que não pode substituir-se em nada à nossa actividade pessoal; contenta-se em restituir-



-nos o seu uso, tal como o psicoterapeuta se limita a restituir ao doente, nas afecções nervosas que ainda há pouco referíamos, a vontade de utilizar o estômago, as pernas, o cérebro que se mantiveram intactos. De resto, porque os espíritos participam todos mais ou menos nesta preguiça, nesta estagnação a baixos níveis, ou porque a exaltação que se segue a determinadas leituras, embora lhe não seja necessária, tenha uma influência propícia no trabalho pessoal, mais de um escritor é citado por gostar de ler uma bela página antes de se deitar ao trabalho. Era raro que Emerson começasse a escrever sem reler algumas páginas de Platão. E não foi Dante o único poeta que Virgílio conduziu ao limiar do Paraíso.

Enquanto a leitura for nossa iniciadora com chaves mágicas que nos abrem no fundo de nós próprios a porta das moradas onde não saberíamos entrar, tem um papel saudável na nossa vida. Pelo contrário, será perigoso quando tende a substituir-se a essa vida em vez de nos despertar para a vida pessoal do espírito, quando a verdade deixa de nos aparecer como um ideal só possível de atingir com o progresso íntimo do pensamento e o esforço do coração, para ser como que uma coisa material posta entre as folhas dos livros, como um mel que os outros preparam totalmente e só temos o trabalho de lhe deitar a mão nas prateleiras das bibliotecas e depois saboreá-lo passivamente, num perfeito descanso de corpo e espírito. Em certos casos um tanto excepcionais e aliás menos perigosos, como veremos, a verdade concebida ainda como exterior às vezes chega mesmo a estar longínqua, escondida num local de acesso difícil. Nessa altura é que um qual-

quer documento secreto, uma qualquer correspondência inédita, memórias, podem fazer inesperada luz sobre certos carácteres com os quais seria difícil comunicar. Que felicidade, que descanso para um espírito cansado de procurar a verdade em si próprio dizer para consigo mesmo que ela se localiza fora, nas folhas de um in-fólio ciosamente conservado num convento da Holanda e, se for necessário passar trabalhos para lhe ter acesso, esses trabalhos serão apenas materiais e apenas uma distracção cheia de encanto para o pensamento! Por certo será necessário fazer uma longa viagem, atravessar as planuras a gemer de vento num barco de passageiros, enquanto canaviais se vão baixando e levantando sucessivamente na margem numa ondulação sem fim; haverá que parar em Dordrecht, que mira a sua igreja coberta de hera nos meandros dos canaviais adormecidos, e no Mosa tiritante e dourado onde à noite o deslizar dos barcos perturba os reflexos, postos em fila, dos telhados vermelhos e do céu azul; e chegado, enfim, o termo da viagem, não se terá ainda a certeza de receber comunicação da verdade. Para tanto será preciso mover poderosas influências, travar relações como o venerando arcebispo de Utreque que tem um belo rosto pertinaz de velho jansenista, com o piedoso guarda dos arquivos de Amersfoort. Nestes casos, a conquista da verdade é concebida como o êxito de uma espécie de missão diplomática onde não faltaram as dificuldades da viagem nem as contingências da negociação. Mas que importa? Todos estes membros da velha igreja de Utreque, de cuja boa-vontade depende entrarmos ou não na posse da verdade, são encantadoras criaturas com rostos do século XVII que nos



fazem variar das caras habituais e com quem será divertido manter relações, pelo menos por correspondência. A sua estima, cujo testemunho vão continuar a enviar-nos de vez em quando, há-de enaltecer-nos aos nossos próprios olhos e fazer guardar essas cartas como certificado e como curiosidade. E não escaparemos, num dia qualquer, de lhes dedicar um dos nossos livros, o menos que realmente poderá fazer-se com pessoas que nos facultaram a dádiva... da verdade. E quanto àquelas tantas investigações, aos breves trabalhos que seremos obrigados a fazer na biblioteca do convento e serão preliminares indispensáveis ao acto de entrada na posse da verdade — da verdade que não deixaremos de registar para maior prudência e não corrermos o risco de a deixar fugir —, má paga seria fazer queixa dos cuidados que poderão causar-nos: porque muito requintadas são a calma e a frescura do velho convento onde as freiras ainda usam o mesmo alto chapéu medieval de asas brancas que trazem no Van der Weyden que há no parlatório; e, enquanto trabalhamos, os carrilhões do século XVII tão meigamente atordoam a água *naïve* do canal, que basta um pouco de sol pálido entre a dupla fila de árvores desfolhadas desde o fim do Verão, que afloram os espelhos pendurados nas casas com empenas das duas margens, para nos ofuscar ([8]).

([8]) Não preciso de dizer que seria inútil procurar este convento nas imediações de Utreque, e o trecho é todo ele pura imaginação. Foi-me, porém, sugerido pelas seguintes linhas de Léon Séché na sua obra sobre Sainte-Beuve: «Ele (Sainte-Beuve), enquanto esteve em Liège, lembrou-se um dia de entrar em contacto com a pequena igreja de Utreque. Era um pouco tarde e, fi-

Esta concepção de uma verdade surda aos apelos da reflexão e dócil perante o jogo das influências, de uma verdade que se obtém com cartas de recomendação, que nos é entregue em mão própria por aquele que embora a detenha materialmente talvez não a conheça, sequer, de uma verdade que se deixa copiar num caderno, é concepção da verdade que está longe, no entanto, de ser a mais perigosa de todas. Porque esta verdade, que o historiador ou mesmo o erudito vai muitas vezes procurar longe num livro, a bem dizer é menos a verdade propriamente dita do que o seu indício ou a sua prova, dando por isso lugar a outra verdade que ela anuncia ou verifica e ao menos é criação individual do seu espírito. Já com o letrado se não

---

cando Utreque muito longe de Paris, não sei se *Volupté* chegaria para lhe abrir de par em par os arquivos de Amersfoort. A tal respeito tenho certas dúvidas, pois embora já existissem os dois primeiros volumes do seu *Port-Royal*, o piedoso erudito que nessa altura tomava conta dos arquivos, etc, etc. Sainte-Beuve teve dificuldade em conseguir que o bondoso Sr. Karsten lhe deixasse entreabrir determinadas caixas... Ide à segunda edição de *Port-Royal* e vede que reconhecimento Sainte-Beuve testemunha ao Sr. Karsten.» (Léon Séché, *Sainte-Beuve*, vol. I, pp. 229 e segs.) Quanto aos pormenores da viagem, todos se baseiam em impressões verdadeiras. Não sei se é preciso passar por Dordrecht, para ir a Utreque, mas descrevi-a tal qual a vi. Não foi a caminho de Utreque, mas de Vollendam, que viajei num barco de passageiros entre canaviais. O canal que situei em Utreque é de Delft. Vi no hospital de Beaune um Van der Weyden e freiras de uma ordem que veio da Flandres, julgo eu, e ainda usam coifa: não a do Roger Van der Weyden, mas de outros quadros que vi na Holanda. *(N. do A.)*



dá o mesmo. Este lê para ler, para reter o que leu. Para ele, o livro não é o anjo que levanta voo mal lhe abre as portas do jardim celeste, mas um ídolo imóvel que ele adora naquilo que é, que em vez de receber uma verdadeira dignidade dos pensamentos que desperta transmite uma dignidade fictícia a tudo quanto o rodeia. O letrado invoca sorrindo em honra de certo nome que se encontra em Villehardouin ou Bocaccio (9), graças a certo costume que Virgílio descreve. Sem actividade original, o seu espírito não sabe isolar nos livros a substância que poderia fazê-lo mais forte; embaraça-se com a sua forma intacta que em vez de ser, para ele, elemento assimilável, princípio de vida, não passa de corpo estranho, princípio de morte. Será necessário dizer, quando classifico como insalubres este gosto, esta espécie de respeito feiticista pelos livros, que o faço relativamente àquilo que seriam hábitos ideais de um espírito sem defeitos que não existe, e tal como os fisiologistas que descrevem um funcionamento de órgãos normal mas não muito vulgar nos seres vivos. Pelo contrário, no

---

(9) O snobismo puro é mais inocente. Sentir-se prazer no convívio de alguém, porque teve um antepassado nas cruzadas, é vaidade, e a inteligência nada tem a ver com isso. No entanto, sentir-se prazer no convívio de alguém porque o nome do seu avô aparece muitas vezes em Alfred de Vigny ou Chateaubriand, ou tem (confesso que é sedução verdadeiramente irresistível para mim) o brasão de família (trata-se de uma mulher bastante digna de ser admirada sem isto) na Grande Rosácea de Notre-Dame d'Amiens, é o sítio onde o pecado intelectual começa. De resto, muito extensamente o analisei já noutros lados para fazer questão, ainda aqui, de insistir no tema. *(N. do A.)*

mundo real onde os espíritos perfeitos não são mais do que os corpos completamente sãos, aqueles a quem chamamos os grandes espíritos estão atingidos, como os outros, por esta «doença literária». Mais do que os outros, poder-se-ia dizer. Parece que o gosto pelos livros cresce com a inteligência, um pouco abaixo dela mas no mesmo caule, da mesma forma que não há paixão sem se fazer acompanhar de uma predilecção por aquilo que rodeia o seu objecto, que tem relação com ele, que na ausência dele diz ainda qualquer coisa a seu respeito. Nas horas em que não comunicam em directo com o pensamento, também os maiores escritores se distraem a conviver com livros. Pois não é para eles, sobretudo, que são escritos? Não lhes desvendam mil belezas que permanecem ocultas à gente vulgar? A dizer verdade, o facto de os espíritos superiores serem aquilo a que se chama livrescos, de forma alguma prova que não seja um defeito do ser. Por tantas vezes se verificar que os homens medíocres são trabalhadores e os inteligentes preguiçosos não pode concluir-se que o trabalho não seja, para o espírito, melhor disciplina do que a preguiça. Apesar disso, encontrar num grande homem um defeito que temos predispõe-nos sempre a perguntar se, no fundo, ele não será uma qualidade injustamente desconhecida, e algum prazer sentimos em saber que Hugo dizia de cor Quinto Cúrcio, Tácito e Justino, que estava habilitado, caso à frente dele se contestasse a legitimidade de um termo ([10]), a estabelecer a sua filiação até à origem através

([10]) Paul Stapfer: *Souvenirs sur Victor Hugo*, publicados na *Revue de Paris. (N. do A.)*



de citações que provavam uma verdadeira erudição. (Noutro lado mostrei como esta erudição lhe tinha alimentado o génio, em vez de o sufocar, tal como o molho de lenha apaga um pequeno fogo mas faz um grande aumentar.) Para nós, Maeterlinck é o contrário do letrado, tem o espírito perpetuamente aberto às mil emoções anónimas transmitidas pela colmeia, o canteiro de flores ou a erva do prado, e tranquiliza-nos muito sobre os perigos da erudição, quase da bibliofilia, quando nos descreve como um amador as gravuras que enfeitam uma velha edição de Jacobs Cats ou do abade Sandrus. Aliás estes perigos, quando existem, bem menos ameaçam a inteligência do que a sensibilidade; a capacidade de leitura proveitosa, se assim pode chamar-se, é bem maior nos pensadores do que nos escritores de imaginação. Schopenhauer, por exemplo, oferece-nos a imagem de um espírito com uma vitalidade que suporta facilmente a mais descomunal leitura, e cada conhecimento novo é logo reduzido à parte de realidade, à porção viva, que contém.

Schopenhauer nunca arrisca uma opinião sem lhe dar logo apoio de várias citações, mas sente-se que os textos citados não passam, para ele, de exemplos, de alusões inconscientes e antecipadas onde gosta de encontrar alguns vestígios do seu próprio pensamento, ainda que o não tenham de forma nenhuma inspirado. Estou a lembrar-me de uma página de *O Mundo como Representação e como Vontade* onde talvez haja de enfiada vinte citações. Trata-se do pessimismo (como é natural, vou abreviar as citações): «No *Cândido*, Voltaire faz guerra ao optimismo de uma forma divertida. Byron fê-la com a sua forma trágica

em *Caim*. Heródoto conta que os Trácios saudavam o recém-nascido com gemidos e regozijavam-se com todas as mortes. Isto mesmo se exprime nos belos versos que Plutarco nos refere: *Lugere genitum, tanta qui intravit mala*, etc. A isto se deve atribuir o costume dos Mexicanos que é desejar, etc., e Swift obedecia ao mesmo sentimento por ter o hábito, desde jovem (se dermos crédito à sua biografia, por Walter Scott), de festejar o seu aniversário como dia de luto. Todos conhecem a passagem da *Apologia de Sócrates* onde Platão diz que a morte é um bem admirável. Uma das máximas de Heráclito foi concebida nos mesmos termos: *Vitae nomen quidem esta vita, opus autem mors*. Quanto aos belos versos de Teógnis, são célebres: *Optima sors homini non esse*, etc. No *Édipo em Colona* (1224), Sófocles faz disso o seguinte resumo: *Natum non esse sortes vincit alias omnes*, etc. Eurípedes diz: *Omnis hominum vita est plena dolore* (*Hipólito*, 189) e Homero já o tinha dito: *Non enim quidquam alicubi est calamitosius homine omnium, quotquot super terram spirant*, etc. Aliás, Plínio também o disse: *Nullum melius esse tempestiva morte*. Shakespeare põe estas palavras na boca do velho rei Henrique IV: *O, if this were seen — The happiest youth, — Would shut the book and sit him down and die.* Byron, por fim: *Tis something better not to be.* Balthazar Gracian pinta-nos a existência com as mais negras cores que o *Criticon*, etc. ([11]).» Não me tivesse eu já deixado ar-

([11]) Schopenhauer, *O Mundo como Representação e como Vontade* (capítulo sobre a Vaidade e os Sofrimentos da Vida). *(N. do A.)*



rastar tão longe por Schopenhauer, e sentiria prazer em completar esta pequena demonstração com ajuda dos *Aforismos sobre a Sabedoria da Vida* que talvez seja, em quantas obras conheço, a que tem mais implícita num autor a maior originalidade com um máximo de leitura; e é deste modo que Schopenhauer, num livro onde cada página contém várias citações, pôde escrever com o ar mais sério deste mundo a seguinte epígrafe: «Compilar não é o meu forte.»

A amizade, a amizade que respeita aos indivíduos é, sem dúvida, uma coisa frívola, e a leitura é uma amizade. Mas pelo menos trata-se de uma amizade sincera, e o facto de ela se dirigir a um morto, a um ausente, confere-lhe qualquer coisa de desinteressado, quase comovedor. Além do mais, é uma amizade liberta de tudo o que dá fealdade às outras. Como todos nós, vivos, não passamos de mortos que ainda não entraram em funções, todas estas amabilidades, todos estes cumprimentos no vestíbulo a que chamamos deferência, gratidão, devoção, e ao qual misturamos tantas mentiras, são estéreis e cansativos. Além disso — logo às primeiras relações de simpatia, admiração, reconhecimento —, as primeiras palavras que pronunciamos, as primeiras cartas que escrevemos, tecem-nos à volta os primeiros fios de uma teia de hábitos, de uma verdadeira maneira de ser, e já não somos capazes de nos livrar deles nas amizades seguintes; sem levar em conta que as palavras excessivas, ditas durante esse tempo, se mantêm como letras de câmbio que devemos pagar ou então mais caro pagaremos, vida fora, os remorsos por tê-las deixado protestar. Na leitura, a amizade é subitamente restituída à

sua pureza inicial. Com os livros, nem amabilidade há. Estes nossos amigos, se passamos com eles a noite é porque temos realmente vontade de o fazer. E muitas vezes até nos acontece abandoná-los com pena. E uma vez abandonados, não nos surge nenhum destes pensamentos que estragam a amizade: O que teriam pensado de nós? — Não teríamos mostrado falta de tacto? — Teríamos agradado? —, nem o medo de sermos esquecidos por outro. Estas agitações da amizade expiram todas no limiar da pura e calma amizade que a leitura é. Nenhuma deferência também; só rimos do que Molière diz segundo a exacta medida da graça que lhe achamos; quando nos maça, não temos medo de ficar com ar aborrecido, e quando nos sentimos decididamente fartos de estar com ele, voltamos a pô-lo no lugar com rapidez igual à que usaríamos se não tivesse génio nem celebridade. A atmosfera desta amizade pura é o silêncio, mais puro do que a palavra. Pois falamos para os outros, mas para nós próprios nos calamos. Além disso, o silêncio não traz, como a palavra, a marca dos nossos defeitos, dos nossos esgares. É puro, é realmente uma atmosfera. Entre o pensamento do autor e o nosso não interpõe esses elementos irredutíveis, refractários ao pensamento, que pertencem aos nossos egoísmos diferentes. A própria linguagem do livro é pura (caso ele seja digno desse nome), feita transparente pelo pensamento do autor que afastou dela tudo quanto não era esse pensamento, até conseguir dar a sua fiel imagem; com cada frase, no fundo, a parecer-se com as outras, pois são todas ditas pela inflexão única de uma personalidade; daqui uma espécie de continuidade, que as conexões da vida e aquilo que elas misturam ao pensamento de elementos estranhos excluem e



nos permite seguir, com muita rapidez, a verdadeira linha do pensamento do autor, os seus traços fisionómicos reflectidos nesse espelho tranquilo. Sabemos deleitar-nos sucessivamente com os traços de cada qual sem exigirmos que sejam admiráveis, pois é grande prazer para o espírito ter a percepção destas pinturas profundas e amar com uma amizade sem egoismo, sem frases, como que no seu próprio plano. Um Gautier, simples bom rapaz cheio de gosto (diverte-nos pensar que tenha sido possível considerá-lo representante da perfeição na arte), desta forma nos agrada. Não lhe exageramos a força espiritual; e na sua *Voyage en Espagne* onde cada frase, sem que ele desconfie, acentua e prolonga o traço cheio de graça e animação da sua personalidade (as palavras põem-se em fila sozinhas para a desenhar, pois foi ela quem as escolheu e ordenou), não conseguimos deixar de achar bem afastada da verdadeira arte essa obrigação, a que ele julga ter de sujeitar-se, de não abandonar forma nenhuma sem a descrever por completo, fazendo-a acompanhar de uma comparação que, não tendo nascido de nenhuma impressão agradável e forte, não consegue nunca seduzir-nos. Só nos resta acusar-lhe a imaginação de lastimável aridez quando compara o campo, com as suas variadas culturas, «a esses painéis de alfaiate onde estão coladas amostras de calças e coletes», e quando diz que nada há, de Paris a Angoulême, para se admirar. E sorrimos deste fervoroso gótico que nem ao trabalho se deu de ir até Chartres visitar a catedral ([12]).

---

([12]) «Lamento ter passado por Chartres sem ter podido ver a catedral.» (*Voyage en Espagne*, p. 2.) *(N. do A.)*

Mas que bom humor, que gosto! Como seguimos de bom grado um companheiro tão vivo nas suas aventuras!; tão simpático ele é, que tudo à sua volta fica também a sê-lo. E depois dos poucos dias que passou com o comandante Lebarbier de Tinan, retido pela tempestade a bordo do seu belo navio «refulgente como ouro», ficamos tristes por não nos dizer mais uma palavra sobre este amável marinheiro e obrigar-nos a deixá-lo para sempre, sem explicar o que foi feito dele ([13]). É bem visível que a alegria palradora e as melancolias também constituem, no seu caso, hábitos um tanto abandalhados de jornalista. Desculpamos-lhe, porém, tudo isto, fazemos o que ele quer, divertimo-nos quando volta a casa encharcado até aos ossos, a morrer de fome e sono, e ficamos consternados quando recapitula, com tristeza de folhetinista, os nomes dos homens da sua geração que morreram antes de tempo. A seu respeito dizíamos nós que as frases lhe desenhavam a fisionomia sem ele desconfiar disso; porque se as palavras são escolhidas, não pelo nosso pensamento, de acordo com as afinidades da sua essência, mas pelo nosso desejo de nos pintarmos, representa esse desejo e não nos representa. Apesar de todos os dons que têm, Fromentin, Musset quiseram deixar à posteridade o seu retrato e muito medíocre o pintaram; por isto mesmo também eles nos interessam

([13]) Segundo me dizem, veio a ser o célebre almirante de Tinan, pai daquela Sr.ª Pochet de Tinan cujo nome se mantém querido dos artistas, e avô do brilhante oficial de cavalaria. — Ao que penso, também foi ele quem assegurou durante algum tempo, junto de Gaëte, o reabastecimento e as comunicações de Francisco II e da Rainha de Nápoles. (Ver Pierre de La Gorce, *Histoire du Second Empire.*) *(N. do A.)*



infinitamente, pois o seu fracasso é instrutivo. E assim um livro, mesmo que não seja espelho de uma individualidade forte, ainda é espelho de curiosos defeitos do espírito. Se nos debruçarmos sobre um livro de Fromentin ou um livro de Musset, no fundo do primeiro distinguimos o que tem de tacanho e simplório numa certa «distinção», e no fundo do segundo o que tem de vazio na eloquência.

Se o gosto pelos livros cresce com a inteligência, vimos que os seus perigos diminuem com ela. Um espírito original sabe subordinar a leitura à sua actividade pessoal. Não passa, para ele, da mais nobre distracção, sobretudo a que enobrece mais, pois só a leitura e o saber dão as «boas maneiras» do espírito. A força da nossa sensibilidade e da nossa inteligência só podemos desenvolvê-la em nós mesmos, nas profundezas da nossa vida espiritual. Mas nesse contacto com os outros espíritos, que a leitura é, se educam as «maneiras» do espírito. Apesar de tudo, os letrados continuam a ser as pessoas de qualidade da inteligência e, mesmo num homem de génio, ignorar certo livro, certa particularidade da ciência literária, continuará a ser sempre uma marca de ruptura intelectual. Ainda na ordem do pensamento, a distinção e a nobreza consistem numa espécie de franco-maçonaria de costumes e numa herança de tradições ([14]).

([14]) De resto, a verdadeira distinção finge sempre que apenas se dirige a pessoas distintas, conhecedoras dos mesmos costumes, e não «explica». Um livro de Anatole France subentende uma enorme quantidade de conhecimentos eruditos, encerra alusões constantes que o vulgar leitor não apreende e dão-lhe, para lá de outras belezas, a nobreza incomparável. *(N. do A.)*

Neste gosto e neste divertimento de ler, a preferência dos grandes escritores bem depressa se orienta para os livros antigos. Mesmo os que pareceram aos seus contemporâneos mais «românticos», quase só liam clássicos. Quando Victor Hugo fala, em conversa, das suas leituras, os nomes de Molière, Horácio, Ovídio, Regnard são os que lhe ocorrem com mais frequência. Alphonse Daudet, o menos livresco dos escritores, com uma obra toda modernidade e vida que parece ter rejeitado completamente a herança clássica, lia, citava, a todo o momento comentava Pascal, Montaigne, Diderot, Tácito ([15]). Renovando, talvez, com

---

([15]) Por isto mesmo, sem dúvida, é vulgar um grande escritor, quando faz crítica, falar muito das edições que vão saindo de obras antigas, e muito pouco dos livros contemporâneos. Exemplo, os *Lundis* de Sainte-Beuve e a *Vie Littéraire* de Anatole France. Mas enquanto Anatole France julga maravilhosamente os seus contemporâneos, pode dizer-se que Sainte-Beuve ignorou injustamente todos os grandes escritores do seu tempo. E não vá objectar-se que andava cego por ódios pessoais. Depois de ter rebaixado incrivelmente o romancista que há em Stendhal, à maneira de compensação celebrou a modéstia, os delicados comportamentos do homem, como se não tivesse mais nada favorável para dizer! Esta cegueira de Sainte-Beuve, no que respeita à sua época, contrasta singularmente com as suas pretensões à clarividência, à presciência. «Toda a gente é forte, diz ele em *Chateaubriand et son Groupe Littéraire*, quando se trata de pronunciar-se sobre Racine e Bossuet... Mas a sagacidade do juiz, a perspicácia do crítico, ficam sobretudo provadas com textos novos, ainda não ensaiados pelo público. Julgar à primeira vista, adivinhar, anteceder, é o dom do crítico. E como há poucos que o tenham!» *(N. do A.)*



esta interpretação aliás parcial ao máximo, a velha distinção entre clássicos e românticos, quase se poderia chegar ao ponto de dizer que os públicos (os públicos inteligentes, bem entendido) é que são românticos, enquanto os mestres (mesmo os mestres ditos românticos, os mestres preferidos pelos públicos românticos) são clássicos. (Observação que poderia estender-se a todas as artes. O público vai ouvir a música de Vincent d'Indy, e Vincent d'Indy relê a de Monsigny ([16]). O público vai às exposições de Vuillard e Mauri-

---

([16]) E, reciprocamente, os clássicos não têm melhores comentadores do que os «românticos». Com efeito, só os românticos sabem ler as obras clássicas, porque as lêem como elas foram escritas, romanticamente; porque é preciso nós próprios sermos, não eruditos mas poetas e prosadores para ler bem um poeta ou um prosador. Isto é verdade, mesmo para as obras menos «românticas». Os belos versos de Boileau não nos foram assinalados pelos professores de retórica, mas por Victor Hugo:

*Et dans quatre mouchoirs de sa beauté salis*
*Envoie au blanchisseur ses roses et ses lys.*

E por Anatole France:

*L'ignorance et l'erreur à ses naissantes pièces*
*En habits de marquis, en robes de comtesses.*

No momento em que estou a corrigir estas provas, o último número de *Renaissance Latine* (15 de Maio de 1905) permite-me alargar, com novo exemplo, esta nota às belas-artes. Com efeito, mostra-nos Rodin (artigo de Mauclair) como o verdadeiro comentador da estatuária grega. *(N. do A.)*

ce Denis, enquanto eles vão ao Louvre.) O facto fica a dever-se, por certo, a este pensamento contemporâneo, que os escritores e os artistas originais tornam acessível e desejável ao público, em certa medida fazer tão intensamente parte de si próprios que um pensamento diferente sabe diverti-los melhor. E para eles o alcançarem pede-lhes um esforço maior, e também lhes dá mais prazer; de certa maneira, quando lemos gostamos sempre de sair de nós, de viajar.

Para terminar, porém, há outra causa a que prefiro atribuir esta predilecção dos grandes espíritos por obras antigas ([17]). É que não têm para nós, como as obras contemporâneas, só a beleza que o seu espírito criador soube lá pôr. Outra recebem, mais impressionante ainda, pela qual a sua própria matéria, quero dizer a língua em que foram escritas, se faz como que um espelho da vida. Um pouco da felicidade que sentimos ao passear numa cidade como Beaune, que mantém intacto o seu hospital do século XV com o poço, o lavadouro, a cúpula de madeira forrada e pintada, o telhado de empenas furado por trapeiras que pequenas espigas de chumbo martelado coroam (todas es-

---

([17]) Predilecção que eles próprios julgam, em geral, fortuita; supõem que os mais belos livros foram por acaso escritos pelos autores antigos; e sem dúvida isto pode acontecer, pois os livros antigos são escolhidos em todo o pasado, tão vasto ao pé da época contemporânea. Mas uma razão, apesar de tudo, acidental, não pode bastar para explicar tão generalizada atitude de espírito. *(N. do A.)*



tas coisas que uma época, quando desaparece lá deixou como que esquecidas, todas estas coisas que só a ela pertenciam, pois nenhuma das épocas seguintes viu nascer nada que se lhes pudesse comparar), ainda sentimos um pouco dessa felicidade ao vaguear em plena tragédia de Racine ou numa obra de Saint-Simon. Pois elas encerram todas as bonitas formas de linguagem abolidas que conservam a memória de costumes ou formas de sentir já inexistentes, perseverantes vestígios do passado que o presente em nada faz lembrar e aos quais o tempo, passando por elas, só conseguiu dar-lhes uma cor ainda mais bela.

Uma tragédia de Racine, um volume das *Memórias* de Saint-Simon, lembram belas coisas que já se não fazem. A linguagem em que foram cinzeladas por grandes artistas, com uma liberdade que lhes faz brilhar a doçura e destacar a força nativa, impressiona-nos como a visão de certos mármores, hoje inusitados, que os operários de antigamente utilizavam. Sem dúvida, num qualquer desses velhos edifícios a pedra captou com fidelidade o pensamento do escultor, mas graças ao escultor também a pedra, de uma espécie hoje desconhecida, se conservou assim, revestida com todas as cores que ele soube extrair dela, pôr em evidência, harmonizar. Realmente a sintaxe que estava viva em França no século XVII — e com ela costumes e uma forma de pensar desaparecidos — é o que gostamos de encontrar nos versos de Racine. São as próprias formas de uma tal sintaxe deixadas a nu, respeitadas, embelezadas pelo seu cinzel tão franco e delicado, que nos impressionam nessas formas de linguagem em tudo familiares, mes-

mo na singularidade e na audácia ([18]), e de um brusco desenho que vemos passar como um traço rápido ou voltar atrás, em formosas linhas quebradas, nos mais suaves e

---

([18]) Por exemplo, a sedução que é hábito encontrar-se nestes versos de *Andromaque:*

*Assassiná-lo porquê? Que fez ele? A que título?*
*Quem te mandou?*

julgo eu que resulta, precisamente, de ter sido quebrada de propósito a ligação sintáctica habitual. *A que título?* tem a ver, não já com *Que fez ele?* que o precede de imediato, mas com *Assassiná-lo porquê?*. E *Quem te mandou?* tem a ver, também, com *assassinar*. (Se nos lembrarmos de um outro verso de *Andromaque*, *Quem te mandou?* substituiu *Quem te mandou assassiná-lo.*) Ziguezagues da expressão (a linha que volta atrás e quebrada, acima referida) que não deixam de obscurecer um pouco o sentido; por isso mesmo ouvi uma grande actriz, mais preocupada com a clareza do discurso do que com a precisão da prosódia, dizer com o maior à-vontade possível: *Assassiná-lo porquê? A que título? Que fez ele?* Os mais belos versos de Racine conseguem sê-lo, na verdade, por seduzirem assim, com qualquer audácia familiar de linguagem atirada como corajosa ponte entre duas margens de suavidade: *Eu amava-te, inconstante, que fiel eu teria feito.* E que prazer causa o belo encontro destas expressões, cuja simplicidade quase vulgar dá o sentido, como a certos rostos nos quadros de Mantegna, uma tão suave plenitude, tão belas cores:

*Et dans un fol amour ma jeunesse* embarquée...
*Réunissons trois coeurs qui n'ont pu* s'accorder.

Por isto mesmo convém ler os escritores clássicos no texto, sem nos contentarmos com trechos escolhidos. As ilustres páginas



delicados dos seus trechos. São estas formas acabadas, captadas directamente na vida do passado, que vamos visitar na obra de Racine como numa cidade antiga que permaneceu intacta. À frente delas a nossa emoção é a mesma que à frente dessas formas da arquitectura, também elas abolidas, já só possíveis de admirar nos raros e magníficos exemplares transmitidos pelo passado que as modelou: tais como as velhas muralhas de cidades, os torreões e as torres, os baptistérios das igrejas; tais como o pequeno cemitério que, ao pé do claustro ou debaixo do ossuário do pórtico, esquece ao sol, sob borboletas e flores, a Fonte Funerária e a Candeia dos Mortos.

---

dos escritores são em geral aquelas onde esta contextura íntima da linguagem é dissimulada pela beleza, com um carácter quase universal, que o trecho tem. Não acredito que a particular essência da música de Gluck seja tão manifesta em certa ária sublime como em certo compasso dos seus recitativos, em que a harmonia é como o próprio som da voz do seu génio quando, em cada vez que o ouvimos por assim dizer tomar fôlego, cai numa entoação involuntária onde há uma marca de toda a sua ingénua gravidade e da sua distinção. Quem viu fotografias de São Marcos de Veneza pode acreditar (e no entanto só falo do exterior do monumento) que tem uma ideia desta igreja de cúpulas, quando afinal só perto da cortina matizada de colunas ridentes, ao ponto de podermos tocar-lhes com a mão, só vendo a força estranha e grave que enrola folhas ou empoleira pássaros naqueles capitéis, que apenas de perto se pode distinguir, só tendo em plena praça a sensação deste monumento baixo, todo em comprimento de fachada, com os seus mastros floridos e o seu cenário de festa, o seu ar de «palácio de exposição», sentimos resplandecer nestes significativos mas acessórios traços, que nenhuma fotografia capta, a sua verdadeira e complexa individualidade. *(N. do A.)*

Mais ainda: não só as frases nos desenham aos olhos as formas da alma antiga. Entre as frases — e estou a pensar em livros muito antigos que começaram por ser recitados —, no intervalo que as separa ainda hoje se conserva, como num hipogeu inviolado, a preencher os interstícios, um silêncio muitas vezes secular. No evangelho de S. Lucas, ao deparar com os *dois pontos* que o interrompem antes de cada um dos trechos quase em forma de cânticos que nele se espalham ([19]), muitas vezes ouvi o silêncio do fiel que acabava de interromper a leitura em voz alta para entoar os versículos seguintes ([20]) como um salmo que lhe recordava os mais antigos salmos da Bíblia. Este silêncio também preenchia a pausa da frase que, ao cindir-se para lhe fazer um cerco, adquirira a sua forma; e mais de uma vez, enquanto lia, ele me trouxe o perfume de uma rosa

---

([19]) «Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegrou por extremo em Deus, meu Salvador, etc.» — «E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espiríto Santo e profetizou, dizendo: Bentido seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou, etc.» — «Então o tomou nos seu braços Simeão, e louvou a Deus, e disse: Agora é, Senhor, que tu despedes o teu servo em paz...» *(N. do A.)* [Esta nota não traduz a de Proust, e transcreve as mesmas frases pela Bíblia corrente em português. *(N. do T.)*]

([20]) Para dizer a verdade, nenhum testemunho positivo me permite afirmar que, nestas leituras, o recitante cantasse a espécie de salmos que S. Lucas introduziu no seu evangelho. Isto parece-me suficientemente visível, no entanto, se compararmos diferentes passagens de Renan, em especial *S. Paulo*, pp. 257 e segs.; *Os Apóstolos*, pp. 99 e 100; *Marco Aurélio*, pp. 502-503, etc. *(N. do A.)*



que a brisa, ao entrar pela janela aberta, espalhara na sala onde a Assembleia se reunia e de onde ele se não tinha, quase dois mil anos depois, evaporado. A *Divina Comédia*, as peças de Shakespeare, também nos dão a sensação de contemplar, inserido na hora actual, um pouco de passado; essa tão exaltante sensação, que faz associar certos «Dias de Leitura» a dias de passeio em Veneza, por exemplo na Piazzetta quando temos à frente, com a sua cor meia irreal de coisas situadas a poucos passos e a muitos séculos, as duas colunas de granito cinzento e róseo que suportam nos capitéis, uma delas o leão de S. Marcos, a outra S. Teodoro a espezinhar o crocodilo; este par de formosas e esbeltas estrangeiras chegaram outrora do Oriente, pelo mar que vem quebrar-se aos seus pés; sem compreenderem as conversas que à sua volta se fazem, continuam a retardar os seus dias do século XII na multidão de hoje, naquela praça pública onde ainda brilha distraidamente, muito perto, o seu sorriso longínquo.

# A RAÇA MALDITA

Todos os dias depois do almoço chegava um gordo e grande senhor de andar gingão, bigodes pintados, sempre com uma flor na botoeira: o Marquês de Quercy. Atravessava o pátio e fazia uma visita à sua irmã Guermantes. Não julgo que nos soubesse moradores da casa. Seja como for, não tive ocasião de me cruzar com ele. Muitas vezes acontecia eu estar à janela na altura em que ele chegava, mas não podia ver-me por causa das portadas e de resto nunca levantava a cabeça. Eu nunca saía àquela hora e ele nunca aparecia a nenhuma outra. Tinha uma vida extremamente regrada; todos os dias visitava os Guermantes da uma às duas, ia à casa da Sr.ª de Villeparisis até às três, depois ao clube fazer coisas várias e à noite ao teatro, por vezes a lugares mundanos mas nunca aos Guermantes, a não ser nos dias de grande cerimónia que eram raros e em que ele fazia, tarde, uma curta aparição...

*

Para mim, a poesia que o Conde e a Condessa de Guermantes tinham perdido na convivência transferira-se

para o Príncipe e a Princesa de Guermantes. Apesar de serem seus parentes muito próximos, como não os conhecia para mim representavam o nome de Guermantes. Tinha havido um encontro rápido na casa deles, e eu recebera um vago cumprimento de pessoas sem razão nenhuma para nos conhecerem. O meu pai, que passava todos os dias à frente da sua mansão, na Rua de Solferino, dizia: «É um palácio, um palácio de conto de fadas.» Tal o motivo de eu misturar tudo isto com as magias incluídas no nome de Guermantes, com Genoveva de Brabante, a tapeçaria para a qual Carlos VIII posara e o vitral de Carlos o Mau. Chegar alguma vez a dar-me com eles não era coisa que me passasse pela cabeça quando abri, certo dia, um sobrescrito: «O Príncipe e a Princesa de Guermantes recebem em sua casa a tantos de tal.»

Dir-se-ia que um prazer intacto, não degradado por nenhuma ideia humana, nenhuma memória material de convivência que faz as coisas iguais umas às outras, me era oferecido naquele cartão. Era um nome, um puro nome ainda cheio de belas imagens que nenhuma recordação terrestre banalizava, era um palácio de conto de fadas que através do cartão recebido se transformava num objecto de possível posse, mediante uma espécie de lisonjeira predilecção desse nome misterioso pela minha pessoa. Pareceu-me belo de mais para ser verdade. Entre a intenção expressa, a oferta que o endereço manifestava a esse nome de suaves e altivas sílabas, havia um muito grande contraste.

A mansão de conto de fadas que se abria sozinha perante mim, de mim convidado a misturar-me às criaturas



de lenda, de lanterna mágica, de vitral e tapeçaria que no século IX fiavam fino, esse altivo nome de Guermantes que parecia animar-se, conhecer-me, aproximar-se de mim, porque afinal era o meu nome, e soberbamente traçado, que estava no sobescrito, tudo isto me pareceu belo de mais para ser verdade e receei que alguém me tivesse pregado uma partida de mau gosto. As únicas pessoas capazes de me esclarecer a tal respeito seriam os nossos vizinhos Guermantes que andavam a viajar e, na dúvida, eu preferia não ir. Nada havia a responder, bastava mandar um cartão. Mas mesmo isso já eu temia que ultrapassasse as marcas se, como pensava, estivesse a ser vítima de uma brincadeira de mau gosto. Disse-o aos meus pais, que não compreenderam (ou acharam ridícula a minha ideia). Com essa espécie de orgulho que a total ausência de vaidade e snobismo dá, achavam que era a coisa mais natural do mundo eu ser convidado pelos Guermantes. Não lhes importava nada que eu fosse ou não fosse, mas não me queriam no hábito de julgar que alguém desejasse pregar-me partidas. Parecia-lhes mais «amável» eu lá ir! Mas aliás indiferente, pois achavam que não devíamos armar em importantes e a minha ausência nem seria notada, embora aquelas pessoas, por outro lado, não tivessem motivo para me convidar se lhes não desse prazer ter-me em sua casa. Além disso, o meu avô não desgostaria que eu lhe contasse como as coisas se passavam na casa dos Guermantes, pois soubera que a princesa era neta do maior homem de Estado de Luís XVIII, e o papá se «aquilo lá dentro era soberbo», como ele supunha.

Para resumir, nessa mesma noite tomei a decisão. A

minha roupa foi alvo de particular cuidado. Eu queria encomendar ao florista uma flor de lapela, mas a minha avó achava que uma rosa de jardim seria mais «natural». Depois de andar por um roseiral em plano inclinado e picar o fato com os espinhos das outras, cortei a mais bela e saltei para o ónibus que nos passava à porta, sentindo ainda mais prazer do que era hábito em ser amável com o condutor e, lá dentro, em ceder o lugar a uma senhora de idade, pensando comigo mesmo que este cavalheiro tão simpático, que havia de dizer: «Queira deixar-me na ponte de Solferino», sem se saber que estava a fazê-lo para ir a casa da Princesa de Guermantes, tinha debaixo do sobretudo uma bela rosa com perfume que subia, invisível, até ao seu nariz para o seduzir como um segredo de amor. Uma vez na ponte de Solferino, com todo o cais atravancado por uma fila estacionante e móvel de viaturas, de quando em quando uma delas a separar-se das outras, e serventes a correrem com capas de seda clara no braço, voltou o medo porém a invadir-me: com certeza era uma partida. E chegado o momento de entrar, enquanto ficava à espera que anunciassem os convidados, senti vontade de voltar a sair. Mas estava metido na onda e não podia fazer mais nada, aliás distraído pela necessidade de ter que despir o sobretudo, tirar um número, deitar fora a minha rosa que se estragara debaixo do paletó e cujo imenso pé verde era, na verdade, «natural» de mais. Murmurei o meu nome ao ouvido do porteiro, com a esperança de ser anunciado também em voz baixa, mas no mesmo instante ouvi-o ressoar com ruído de trovão nos salões Guermantes que à minha frente se abriam, e senti chegado o momento



do cataclismo. Conta Huxley que uma senhora com alucinações deixara de aparecer em público por nunca perceber se tinha à sua frente uma alucinação ou um objecto real, e não sabia como actuar. Doze anos depois, o seu médico obrigou-a finalmente a ir a um baile. Quando lhe ofereceram uma poltrona, viu lá sentado um senhor de idade. Disse consigo própria: é inadmissível mandarem-me sentar na poltrona ocupada por este senhor de idade. Por isso, ou o senhor de idade é alucinação e vou sentar-me numa poltrona vazia, ou a dona da casa está a oferecer-me esta poltrona, que é alucinação, e vou sentar-me em cima do senhor de idade. Só tinha um segundo para decidir, e durante este segundo comparava os rostos do senhor de idade e da dona da casa, parecendo-lhe tão reais um como o outro e sem chegar a pensar que eram ambos alucinação. Por fim, quando terminava o segundo que tinha para decidir, julgou sei lá o quê, que o senhor de idade é que seria alucinação. Sentou-se, não havia senhor de idade nenhum, deu um imenso suspiro de alívio e curou-se para sempre. Na verdade, por muito custoso que tenha sido o segundo da velha senhora doente ao pé da poltrona, talvez não fosse mais ansioso do que este, quando ouvi o meu nome voar como um trovão obscuro e catastrófico na orla dos salões Guermantes, lançado por um porteiro tão gigantesco como Júpiter, e quando avancei com ar natural, para não julgarem pela minha hesitação que eu estava atrapalhado, caso houvesse ali uma partida pregada por alguém, e com os olhos procurei o Príncipe e a Princesa de Guermantes para ver se iam mandar pôr-me na rua. No bulício da conversa não deviam ter conseguido ouvir o

meu nome. A princesa, de vestido lilás «Princesse», com um magnífico diadema de pérolas e safiras no cabelo, conversava com pessoas, sentada numa *causeuse* (1), e estendia, sem se levantar, a mão aos que entravam. Quanto ao príncipe, não vi onde estava. A princesa ainda não tinha dado por mim. Eu aproximava-me dela mas a olhá-la tão fixamente como a velha senhora ao senhor de idade sobre quem ia sentar-se pois imagino que estivesse atenta, para não insistir no acto mal sentisse, debaixo do corpo, a resistência dos joelhos dele. Por isso eu espreitava no rosto da Princesa de Guermantes o primeiro indício de estupefacção e de indignação mal reparasse em mim, para atenuar o escândalo e sair dali o mais depressa possível. Vê-me e levanta-se, ela que não se levantava para convidado nenhum, e dirige-se a mim. O meu coração estremece mas acalma ao ver os seus olhos azuis brilharem com o mais encantador dos sorrisos e a comprida luva da Suécia estender-se em graciosa curva na minha direcção: «Que amabilidade ter vindo, estou muito satisfeita por vê-lo aqui. Que pena, os nossos primos andarem precisamente agora a viajar, mas da sua parte ainda é mais gentil ter assim mesmo aparecido, sabemos que vem apenas por nossa causa. Olhe, naquela sala encontrará o Sr. de Guermantes, que vai ficar encantado quando o vir.» Inclinei-me num cumprimento rasgado, e a princesa não me ouviu

(1) Uma «graça», em francês: A *princesse* (princesa) veste um vestido do modelo «Princesse», e *causait* (conversava) sentada numa *causeuse*, à letra «conversadora», que é uma pequena poltrona. *(N. do T.)*



um suspiro de alívio. Mas era igual ao da velha senhora à frente da poltrona, quando se sentou e viu que nenhum senhor de idade lá estava. Nesse dia curei-me para sempre da timidez. Depois disto talvez tenha recebido muitos convites mais inesperados ou lisonjeiros que os do Sr. e da Sr.ª de Guermantes. Mas não tinham as tapeçarias de Combray, a lanterna mágica, os passeios do caminho de Guermantes a dar-lhes prestígio. Sempre contei com sorrisos de boas-vindas, e nunca mais com brincadeiras de mau gosto. Porém, tivessem elas surgido e para mim seria exactamente o mesmo.

O Sr. de Guermantes recebia muito bem, bem de mais, pois nessas noites em que lá ia gente de alta e menos alta nobreza, em que apareciam nobres de segunda ordem, da província, para quem era muito grande senhor, julgava-se obrigado, à força de franqueza e familiaridade, de mão pousada nos ombros e do modo bom-rapaz de «em nossa casa não é lá muito divertido», ou «tenho muita honra em vê-lo aqui», a dissipar em todos a falta de à-vontade, o respeitoso terror inexistente no grau que ele imaginava.

A poucos passos, o Marquês de Quercy conversava com uma senhora. Não estava a olhar para o meu lado mas senti que os seus olhos de mercador de vento em popa me tinham visto perfeitamente. Conversava com uma senhora que eu já encontrara em casa dos Guermantes, e comecei por cumprimentá-lo, o que forçou o Sr. de Quercy a uma interrupção, mas apesar de ser desviado e interrompido olhava para outro lado, como se não me tivesse realmente visto. Não só me tinha visto como ainda via, pois mal me voltei para o cumprimentar, procurando desviar do outro

lado da sala a atenção daquele rosto sorridente, daqueles olhos de «quem não quer a coisa», estendeu-me a mão e, sem se mexer, só lhe foi preciso utilizar comigo o sorriso disponível e o olhar desocupado que eu poderia tomar como amabilidade da sua parte, pois dava-me as boas-noites com a mão livre, e que poderia ter tomado como ironia da sua parte, se eu próprio lhe não tivesse dado as boas-noites, ou como expressão de um qualquer pensamento amável ou irónico ou em relação a outro, ou simplesmente jovial, se eu pensasse que me não tinha visto. Eu tinha-lhe apertado o quarto dedo, que parecia arrepender-se do anel de arcebispo com uma inflexão melancólica; por assim dizer eu tinha entrado com arrombamento no seu incessante e por ninguém aceite boa-noite, eu não podia dizer que me tivesse cumprimentado. Em rigor poderia pensar que me não tivesse visto nem reconhecido. Retomou a conversa com a sua interlocutora, e afastei-me. Representou-se uma pequena opereta, para a qual não tinham sido convidadas raparigas. Ele lá se decidiu depois, e houve baile (2).

*

O Conde (3) de Quercy caíra no sono ou pelo menos fechava os olhos. Desde há tempos andava cansado, muito

(2) Texto original um tanto obscuro: *«Il se remit à parler avec son interlocutrice et je m'éloignai. On joua une petit opérette, pour laquelle on n'avait pas invité des jeunes filles. Il en vint après et on dansa.» (N. do T.)*

(3) Assim, no original, apesar de o autor já ter decidido que ele era marquês. *(N. do T.)*



pálido, apesar do bigode negro e dos cabelos grisalhos frisados notava-se que era velho embora continuasse muito belo. E assim, de rosto branco, imóvel, nobre, escultural, sem olhar, surgiu-me como depois da morte na pedra do seu túmulo na igreja de Guermantes. Parecia-me a sua própria máscara fúnebre, que ele tinha o indivíduo morto e eu só estava a ver-lhe o rosto da raça, esse rosto que o carácter de cada qual transformou, afeiçoou às necessidades pessoais, uns intelectualizados, outros passados a mais grosseiros como a divisão de um castelo que foi sucessivamente sala de estudos e de esgrima consoante o gosto do castelão. Surgia-me, esse rosto, bastante delicado, bastante nobre, bastante belo, voltava a abrir os olhos, um sorriso vago que ele nem tempo teve de tornar artificial flutuou-lhe na face onde eu, naquele instante, estudava o oval da testa e os olhos abaixo dos cabelos despenteados em madeixas, entreabriu a boca, o seu olhar brilhou acima da nobre linha do nariz, com a mão delicada levantou os cabelos e eu disse para comigo mesmo: «Pobre Sr. de Quercy, que tanto gosta da virilidade! Soubesse ele que ar encontro na cansada e sorridente criatura que tenho à minha frente! Parece mesmo uma mulher!»

No instante em que pronunciava no meu íntimo estas palavras pareceu-me, porém, que uma revolução mágica se dava no Sr. de Quercy. Não se tinha mexido mas de repente iluminava-se com uma luz interior que transformava em harmonia tudo aquilo que nele me tinha chocado, perturbado, parecido contraditório desde o momento em que dissera aquelas palavras a mim próprio: parece uma mulher. Eu compreendera, era isso mesmo! Era mesmo! Per-

tencia à raça das criaturas contraditórias, na verdade, pois o seu ideal é viril precisamente por terem temperamento feminino, parecendo que fazem a sua vida ao lado dos outros mas levando de través, no pequeno disco da pupila onde é entalhado o nosso desejo, e pelo qual vemos o mundo, não um corpo de ninfa mas de efebo que vem projectar a sua sombra viril e direita em tudo quanto olham e em tudo quanto fazem. Raça maldita, pois o que constitui seu ideal de beleza e alimento do desejo também é objecto de vergonha e medo do castigo, e até nos bancos do tribunal, onde aparece como acusada, e perante Cristo, é obrigada a viver na mentira e no perjúrio, pois de qualquer modo o seu desejo, soubesse ela compreendê-lo, seria inadmissível porque apesar de só amar o homem que nada tem de mulher, o homem que não é «homossexual», só com este pode aplacar um desejo que não deveria sentir por ele, que ele não deveria sentir por ela se acaso a necessidade de amor não fosse grande enganadora e ao mais infame «maricas» não desse aparência de homem, de um verdadeiro homem como os outros que, por milagre, se tivesse tomado de amor ou condescendência por ele, pois é raça obrigada a esconder o seu segredo aos que mais ama, como os criminosos, com receio de magoar a família, sofrer o desprezo dos amigos, o castigo do país; raça maldita, perseguida como Israel e como este acabando por assumir traços idênticos, um ar de raça no opróbrio comum de uma abjecção imerecida, revelando todos eles certos traços característicos, traços físicos que muitas vezes repugnam, que às vezes são belos, corações de mulher amantes e delicados mas também uma natureza desconfiada e perversa,



taful e má-língua de mulher, facilidades de mulher em brilhar em tudo, uma incapacidade de mulher em sobressair seja no que for; escorraçados da família, com a qual não podem ter todas as confidências, da pátria que os vê como criminosos encapotados, até dos iguais a quem inspiram a mágoa de em si próprios encontrarem o aviso de que é loucura doentia o que supunham amor natural, e também essa feminilidade que lhes desagrada, mas todavia corações amantes, escorraçados da amizade porque os amigos poderiam desconfiar de outra coisa sem ser amizade, quando afinal só lhes dedicam uma amizade pura, e não iriam ser compreendidos se lho confessassem quando sentem outra coisa, objecto quer de uma cega ignorância injusta que só gosta deles se os não conhecer, quer de um asco que os incrimina no que têm de mais puro, quer de uma curiosidade que tenta explicá-los e os compreende totalmente ao contrário, elaborando a seu respeito uma psicologia de meia-tigela que se julga imparcial mas é, assim mesmo, tendenciosa e admite *a priori*, como esses juízes para quem o judeu é naturalmente um traidor, que é fácil o homossexual ser assassino; ainda como Israel investigando sobre o que lhes não diz respeito, o que não tem nada a ver com eles, mas apesar disto sentindo uns pelos outros, sob a forma de maledicências, rivalidades e desprezos que são, do menos homossexual pelo mais homossexual, como os do menos judeu pelo trivial judeu, uma solidariedade profunda dentro de uma espécie de franco-maçonaria mais vasta do que a dos Judeus, pois a sua parte conhecida nada é e estende-se até ao infinito e tem tanto poder como a franco-maçonaria verdadeira por assentar numa conformi-

dade inata, numa identidade de gosto, de necessidades, por assim dizer de conhecimento e comércio, se for de carro com o vadio que lhe abre a porta mas, às vezes e de mais dolorosa forma, com o noivo da sua filha e, às vezes por ironia amarga, com o médico que escolhe para se curar do vício, com o homem que em sociedade o marca com uma bola negra no círculo das convivências, com o padre a quem se confessa, com o magistrado civil ou militar encarregado de o interrogar, com o soberano que o manda perseguir, e repisando a todo o momento, com permanente (ou irritante) satisfação, que Catão era homossexual, tal como os Judeus repisam que Jesus Cristo era judeu, sem compreender que não havia homossexuais na época em que era costume e do melhor bom-tom viver com um rapaz, tal como hoje se tem uma bailarina por conta, em que Sócrates, o homem mais moral que algum dia houve, gracejou com toda a naturalidade a respeito de dois rapazes jovens sentados um ao pé do outro, como se graceja a respeito de um primo e uma prima que parecem apaixonados, e isto denuncia mais um estado social do que teorias apenas do seu foro pessoal, talvez, tal como não havia Judeus antes de crucificarem Jesus Cristo, e deste modo o pecado, por muito original que seja, tem origem histórica na não-conformidade que sobrevive à reputação; mas ainda assim dando provas, pela resistência ao sermão, ao exemplo, ao desprezo, aos castigos da lei, de uma determinação que os restantes homens sabem forte e inata ao ponto de lhes causar mais nojo do que os crimes onde é necessária uma lesão da moralidade, pois estes crimes podem ser momentâneos e todos podem compreender o acto



de um ladrão, de um assassino, mas não de um homossexual; por isto parte rejeitada da humanidade mas todavia membro essencial, invisível, inominável da família humana, suspeito quando tal não é, exposto, insolente, impune quando se não sabe onde está, por todo o lado, no povo, no exército, no templo; a dilacerar-se e a resistir no teatro, na prisão, no trono, sem querer conhecer-se mas a reconhecer-se, adivinhando aquele que é seu igual mas sobretudo não querendo confessar voluntariamente a si próprio — e ainda menos que os outros venham a saber — que é igual a ele, a viver na intimidade dos que, havendo escândalo, ao verem o seu crime ficam, como se fosse uma visão de sangue, tão ferozes como feras, mas habituado como um domador, ao vê-los em sociedade tão pacíficos em relação a si, a brincar com eles, a falar de homossexualidade, a provocar os seus resmungos, e por isto mesmo nunca se fala tanto de homossexualidade como à frente do homossexual, até ao infalível dia, cedo ou tarde, em que ele vai ser devorado como o poeta recebido em todos os salões de Londres, perseguido, ele e as suas obras, ele, sem poder encontrar cama para dormir, elas, uma sala para serem representadas, e que vê, depois da expiação e da morte, levantarem a sua estátua no túmulo, obrigarem-no a mascarar os sentimentos, a modificar todas as palavras, a pôr no feminino as frases, perante os seus próprios olhos a pedir desculpas das amizades que teve, das cóleras que teve, mais incomodado pela necessidade interior e pela imperiosa ordem do seu vício em não se julgar presa de um vício, do que pela necessidade social de não deixar transparecer os seus gostos; raça que aplica o orgulho a

não ser uma raça, a não diferir do resto da humanidade, para o seu desejo lhe não surgir como doença, a sua própria realização como impossibilidade, os seus prazeres como ilusão, as suas características como tara e, deste modo, posso dizer que as primeiras páginas, desde que há homens e escrevem, que lhe foram consagradas dentro de um espírito de justiça para com os seus méritos morais e intelectuais e com ela se não fizeram, como costuma dizer-se, feias com pena da sua desgraça inata e das suas injustas desventuras, serão as que ouvirá com mais cólera e lerá com mais penosa sensação, pois se no fundo de quase todos os judeus há um anti-semita que mais lisonjeamos encontrando-lhe todos os defeitos mas considerando-o cristão, no fundo de todo o homossexual há um anti-homossexual a quem se não pode insultar mais do que reconhecendo os seus talentos, as suas virtudes, a sua inteligência, o seu coração e, em suma, e como a todo e qualquer carácter humano, o direito ao amor sob a forma que a natureza nos permitiu concebê-lo se entretanto formos obrigados a confessar, para nos mantermos dentro da verdade, que esta forma é estranha, que estes homens não são iguais aos outros.

*

Às vezes, numa estação de embarque, num teatro, reparamos nessas criaturas delicadas com rosto doentio, esquisita forma de vestir que passeiam com ar pomposo, por uma multidão que devia ser-lhes indiferente, olhares que na verdade perguntam se não vão descobrir ali o amador,



difícil de encontrar, do prazer especial que elas oferecem e para o qual a sua pesquisa emudecida, dissimulada sob aquele ar de preguiça distante, já um sinal seria de conjunção. A natureza, tal como faz em certos animais, em certas flores com os órgãos do amor em posição tão má que quase nunca atingem o prazer, não os estragou com mimos no que respeita ao amor. Sem dúvida, o amor não é nada fácil para nenhum ser, exige o encontro de criaturas que muitas vezes seguem caminhos diferentes. Mas para esta, tão [...] (4) pela natureza, a dificuldade é cem vezes maior. Na terra pouco numerosa é a sua espécie, ao ponto de correr o risco de passar a vida inteira sem encontrar o igual que poderia amar. Teria de ser da sua espécie, por natureza mulher para poder prestar-se ao seu desejo, homem de aspecto para conseguir inspirá-lo. Ao que parece com um temperamento construído de tal forma, tão estreito, tão frágil, que o amor em tais condições, mesmo sem levar em conta a conspiração de todas as forças sociais unânimes que o ameaçam, e precisamente no coração com o escrúpulo e a ideia de pecado, é impossível aposta. Ele fá-la, porém. A maior parte das vezes contentando-se com grosseiras aparências e, à falta de encontrar não já o homem-mulher mas a mulher-homem de que precisa, comprando favores de mulher a um homem ou, através da ilusão com que o prazer acaba por embelezar quem o procura, encontrando uma qualquer sedução viril nos seres efeminados ao máximo que lhe têm amor.

---

(4) Lacuna do manuscrito original. *(N. do T.)*

Silenciosos e maravilhosamente belos, admiráveis Andrómedas presas a um sexo que vai votá-los à solidão, alguns reflectem nos olhos a mágoa do impossível paraíso com um esplendor onde vão queimar-se as mulheres que por eles se matam; e, odiosos àqueles cujo amor procuram, não podem contentar o amor que a sua beleza inspira. Noutros ainda, a mulher está quase meia à mostra. Os seios despontam, eles procuram oportunidades de se mascarar para os exibir, gostam da dança, de vestir bem, de *rouge* como as raparigas, e na reunião mais séria desatam a rir e a cantar, tomados de loucura ([5]).

Lembra-me ter visto em Querqueville um rapaz novo, troçado por irmãos e amigos, que passeava sozinho na praia; tinha um rosto encantador, pensativo e triste encimado por longos cabelos negros cujo brilho acentuava fazendo passar por eles, às escondidas, uma espécie de pó azul. Apesar de garantir que era aquela a cor natural dos seus lábios, avermelhava-os ao de leve com carmim. Durante horas passeava na praia sozinho, sentava-se nos rochedos e interrogava o mar azul com um melancólico olhar já inquieto e insistente, perguntando a si próprio se não iria ver nessa paisagem de mar e céu de um leve azul, o mesmo que já brilhava nos dias de Maratona e Salamina, aproximar-se numa barca rápida, para o raptar, o Antínoo com quem sonhava o dia inteiro e também à noite na janela da pequena moradia onde o transeunte retardatário

([5]) Uma primeira versão deste texto chamava-se *La Race des Tantes*, ou seja (em português, e aceitando um calão muito posterior à época de Proust), *A Raça das Bichas. (N. do T.)*



o vislumbrava à luz da lua, a olhar o escuro e a meter-se de imediato para dentro quando alguém o via. Puro de mais para acreditar que um desejo como o seu pudesse existir fora dos livros, sem pensar que as cenas debochadas que lhe associamos tivessem qualquer coisa a ver com ele, pondo-as ao mesmo nível que o roubo e que o assassínio, voltava sempre ao seu rochedo para ver o céu e o mar, sem querer saber do porto onde os marinheiros andam satisfeitos se ganharem, seja de que forma for, um salário. O seu inconfessado desejo manifestava-se, porém, no afastamento dos camaradas ou na estranheza das palavras e dos modos quando estava ao pé deles. Verificavam se trazia *rouge*, troçavam do pó azul, da sua tristeza. E ele, de calças azuis e boné à marujo, ia passear melancólico e só, consumido de langor e penas.

*

Muito novo, quando os camaradas lhe falavam dos prazeres que se têm com as mulheres, [o Marquês de Quercy] encostava-se a eles, julgando que assim comungava no desejo das mesmas volúpias. Mais tarde sentiu que não eram as mesmas, sentiu mas não o confessava, nem a si próprio o confessava. Nas noites sem lua saía do seu castelo do Poitou, seguia o caminho até à estrada por onde se chega ao castelo do seu primo Guy de Gressac. Ia encontrá-lo no cruzamento dos dois caminhos, num talude repetiam brincadeiras da infância e separavam-se sem uma palavra, sem falar disso nos dias em que se viam e conversavam, preferindo alimentar um contra o outro uma espécie de hostili-

dade mas voltando a encontrar-se de tempos a tempos no escuro, mudos, como fantasmas da sua infância que se visitassem. Agora, o seu primo era Príncipe de Guermantes, tinha amantes e muito raramente cedia à estranha memória. E muitas vezes, depois de esperar durante horas no talude, o Sr. de Quercy voltava para trás de coração magoado. Quando o seu primo casou só passou a vê-lo no papel de homem que conversava e ria, um pouco frio com ele, entretanto, e não mais voltou a experimentar o amplexo do fantasma.

Hubert de Quercy ia vivendo, porém, no seu castelo, mais solitário do que uma castelã medieval. Quando ia à estação tomar o combóio, lamentava que o insólito das leis lhe não permitisse casar com o chefe da gare, embora não tivesse nunca falado com ele: apesar de muito fanático pela nobreza, talvez passasse por cima da desigualdade do casamento; e teria gostado de poder mudar de residência sempre que o tenente-coronel, que ele via em manobras, mudava de guarnição. Os seus prazeres eram descer às vezes da torre do castelo, onde se aborrecia como Griséli-dis (6), e depois de mil hesitações chegar à cozinha para dizer ao cortador de carne que a última perna de carneiro não era lá muito tenra, ou ir buscar pessoalmente as cartas à mão do carteiro. Voltava a subir à torre e estudava a genealogia dos seus antepassados. Uma noite foi ao ponto de mostrar o caminho a um bêbado; de outra vez, numa estrada, compôs a um cego a camisa em desalinho.

---

(6) Guardadora de ovelhas, uma das personagens do *Decameron* de Boccacio. *(N. do T.)*



Veio para Paris. Andava pelos vinte e cinco anos, tinha uma grande beleza espiritual para um homem do mundo, e a singularidade do seu gosto ainda lhe não tinha rodeado a pessoa com essa auréola duvidosa que mais tarde o distinguia. Mas Andrómeda, que era, presa a um sexo para o qual não fora de nenhum modo feito, tinha os olhos cheios de uma nostalgia que levava as mulheres a apaixonarem-se, enquanto era objecto de asco junto dos seres por quem se enamorava, e não podia partilhar totalmente as paixões que inspirava. Tinha amantes. Por sua causa, uma mulher matou-se. Dava-se com alguns jovens da aristocracia com gostos iguais aos seus.

Quem suspeitará que esses jovens elegantes, amados pelas mulheres, falam a esta mesa de prazeres que o resto das pessoas não entende? Eles detestam, invectivam os da sua raça e não os frequentam de todo. Têm o snobismo e a exclusiva convivência dos que só gostam de mulheres. Com dois ou três, tão desempoeirados como eles, gostam porém de gracejar, de sentir que são da mesma raça. Às vezes, quando estão sós, num movimento de ironia voluntária mas de solidariedade inconsciente e prazer profundo deixam escapar uma palavra consagrada, um gesto ritual. Num café serão olhados receosamente por esses levitas barbudos que só querem conviver com os da sua própria raça, por recearem o desprezo, burocratas do seu vício que exageram a correcção, só se atrevem a sair de gravata preta e miram com ar frio esses belos jovens sem lhes ser possível suspeitar que são seus semelhantes, pois se é fácil acreditar no que desejamos, não é fácil ter a ousadia de acreditar lá muito no que desejamos. E alguns deles, por

vergonha, só com um murmúrio incorrecto se atrevem a responder ao cumprimento de um rapaz, como essas raparigas da província que achariam imoral sorrir ou estender a mão. E a amabilidade de um jovem lança-lhes no coração a semente de amores eternos, pois basta a bondade de um sorriso para fazer a esperança florescer, e além disso sabem-se criminosos, amaldiçoados ao ponto de não poderem conceber uma gentileza que não seja prova de cumplicidade. Porém, dentro de dez anos os belos jovens insuspeitos e os levitas barbudos vão conhecer-se porque os pensamentos secretos e comuns terão irradiado à sua volta essa auréola que não engana e na qual se distingue como que a sonhada forma de um efebo; o progresso interno do mal incurável ter-lhes-á perturbado o andar; nesse fim de rua onde os encontramos a empinar ancas femininas com ar belicoso, a evitar o suposto desprezo à força de impertinência, a mascarar a sua agitação — e a redobrá-la — com falsa indolência por falharem o objectivo alcançável com menos rapidez quando fingem que o não vêem, há-de sempre vislumbrar-se uma bata liceal ou um penacho militar; e tanto uns como outros nós vemos, com olhar curioso e uma atitude indiferente de espião, a rondar casernas. Porém, no café, onde uns e outros continuam a ignorar-se, fogem ambos da ralé da sua raça, da seita porta-pulseiras dos que não temem dar nos lugares públicos um apertado abraço a outro homem e a todo o instante arregaçam o punho para mostrar um fio de pérolas no pulso, esses que obrigam a levantar e a sair, como se fossem intolerável cheiro, os jovens que eles perseguem com olhares ora provocadores, ora furiosos, os levitas e os elegantes que eles



assinalam com risos efeminados e gestos equívocos e maldosos enquanto o empregado do café, indignado mas filósofo e conhecedor da vida, os serve com irritada delicadeza ou pergunta a si próprio se irá ser preciso chamar a polícia mas sem deixar, em qualquer caso, de meter a gorjeta no bolso.

Porém, tal como o desejo de um singular prazer pode eclodir por acaso numa criatura normal, também ele se obceca com o desejo de ver seios de mulher parecidos com rosas-de-bengala e outras particularidades mais secretas no corpo que aperta contra o seu. Enamorou-se de uma rapariga de boas famílias, com quem casou, e durante quinze anos teve, como a água profunda de uma piscina azul, todos os desejos contidos no desejo que sentiu por ela. Deslumbrava-se como o ex-dispéptico que durante vinte anos só pôde tomar leite e agora todos os dias almoça e janta no Café Inglês, como o preguiçoso que se tornou trabalhador, como o alcoólico que deixou de sê-lo. Ela morreu e, sabendo-se conhecedor do remédio para o mal, menos receios sentia de recair. E a pouco e pouco se igualou àqueles que maior nojo lhe tinham metido. Contudo, a sua situação de algum modo o defendia. Quando passava em direcção ao clube, parava por um instante à frente do Liceu Condorcet e depois consolava-se a pensar que era no seu barco que o Duque de Parma e o Grão-Duque de Génova iriam a C..., pois apesar de tudo não havia em França outro grande senhor com situação tão boa como a dele, e provavelmente por isso é que o rei da Inglaterra vinha almoçar ali.

# SENTIMENTOS FILIAIS
# DE UM PARRICIDA

Há meses, quando o Sr. Van Blarenberghe pai morreu, lembrei-me de que a minha mãe se tinha dado muito com a mulher dele. Depois de os meus pais terem morrido, estou (num sentido que seria inoportuno fixar aqui) menos eu próprio, bem mais seu filho. Sem me afastar dos meus amigos, mais facilmente me aproximo dos amigos deles. E as cartas que agora escrevo são, na sua maior parte, as que eles teriam escrito, julgo eu, as que não podem já escrever e escrevo no lugar deles, felicitações, sobretudo condolências para amigos seus que, muitas vezes, quase não conheço. E assim, quando a Sr.ª Van Blarenberghe perdeu o marido, eu quis fazer chegar-lhe um testemunho da tristeza que os meus pais sentiriam com isso. Lembrava-me que algumas vezes, já lá iam muitos anos, tinha jantado com o filho deles em casa de amigos comuns. A este escrevi, bem mais em nome dos meus pais desaparecidos, por assim dizer, do que em meu próprio nome. Como resposta recebi a bela carta que segue, marcada por muito grande amor filial. Pensei que um tal testemunho, com o

significado extraído ao drama que tão de perto o acompanhou, sobretudo com o significado que ele próprio lhe dá, deveria ser tornado público. A carta é assim:

«Les Timbrieux, por Josselin (Morbihan)
24 de Setembro de 1906.

«Caro senhor, lamento vivamente não ter podido ainda agradecer-lhe a simpatia que testemunhou na minha dor. Queira fazer o obséquio de desculpar-me, mas a dor foi tal que durante quatro meses viajei constantemente, a conselho dos médicos. Só agora, e com dificuldade extrema, começo a retomar a minha vida habitual.

«Por muito tarde que seja, quero hoje dizer-lhe que fui extremamente sensível à fiel memória que guardou das nossas antigas e excelentes relações, e tocado fundo com o sentimento que o levou a falar, a mim e de igual modo à minha mãe, em nome dos seus pais desaparecidos de tão prematura forma. Pessoalmente, só tive a honra de os conhecer muito mal, mas sei como o meu pai apreciava o seu e que prazer em ver a Sr.ª Proust a minha mãe sentia sempre. Achei de extrema delicadeza e sensibilidade enviar-nos uma mensagem sua de além-túmulo.

«Muito em breve voltarei a Paris e, se até lá conseguir ultrapassar a necessidade de solidão que até agora me causou o desaparecimento daquele a quem eu dedicava todo o interesse da vida, e que toda a alegria lhe dava, sentir-me-ei feliz em aper-



tar-lhe a mão e em conversar consigo a respeito do passado.

«Com todo o afecto, o seu

H. van Blarenberghe.»

Esta carta impressionou-me muito; eu lamentava quem sofria assim, lamentava-o, invejava-o: ainda tinha mãe para se consolar ao dar-lhe consolo. E se não pude corresponder às tentativas que achou por bem levar a cabo para me ver, foi por impedimento material. A carta, sobretudo, modificou num sentido mais simpático a memória que eu conservava. Na realidade, as boas relações que mencionava na carta eram bastante triviais relações mundanas. Eu não tivera muitas oportunidades para conversar com ele à mesa onde jantámos juntos algumas vezes, mas a extrema distinção de espírito dos donos da casa para mim era, e continua a ser, garantia absoluta de que Henri van Blarenberghe ocultava, sob aparências um tanto convencionais e mais representativas, talvez, do meio em que vivia do que significativas em relação à sua própria personalidade, uma natureza mais original e viva. De resto, se entre esses estranhos instantâneos da memória que o nosso cérebro, tão pequeno e tão vasto, armazena em prodigioso número, eu procurar aqueles onde Henri van Blarenberghe figura, o que se mantém mais nítido parece continuar a ser uma face sorridente, e vejo-a sobretudo a sorrir com o olhar que ele tinha singularmente fino, uma boca ainda entreaberta depois de atirar com uma fina réplica. Agradável e bastante distinto assim o «revejo», tal

como é costume, com razão, dizer-se. Os nossos olhos intervêm mais do que se julga nesta exploração activa do passado a que chamamos recordação. No instante em que o pensamento vai buscar qualquer coisa do passado para a fixar, transportar por um momento à vida, se olharmos os olhos de quem faz o esforço de se recordar veremos que se esvaziaram imediatamente das formas que à volta existem e ainda há um momento reflectiam. «Estás de olhar ausente, estás longe daqui», dizemos, e no entanto só vemos o reverso do fenómeno que nesse instante está a consumar-se no pensamento. Nessa altura, os mais belos olhos do mundo deixam de perturbar-nos pela beleza; desviando do seu sentido uma expressão de Wells, não passam de «máquinas de explorar o Tempo», telescópios do invisível com maior alcance à medida que envelhecemos. Sente-se muito bem, quando vemos vendar-se em relação à memória o olhar cansado com tantas adaptações a tão diferentes tempos, em geral tão distantes, o enferrujado olhar dos velhos, sente-se muito bem que a sua trajectória atravessa «a sombra dos fiascos» vividos e vai, segundo parece, aterrar uns passos à sua frente, na realidade cinquenta ou sessenta anos atrás. Lembra-se como os bonitos olhos da Princesa Mathilde [1] mudavam de beleza ao fixarem-se nesta ou naquela imagem que certos grandes homens, certos grandes espectáculos do princípio do século, tinham *eles próprios* deposto na sua retina e na sua memória, e era esta imagem, por eles emanada, que ela via e nós nunca havemos

[1] A Princesa Mathilde Bonaparte, cujo salão Proust frequentou. *(N. do T.)*



de ver. Eu tinha uma sensação de sobrenatural nos momentos em que o meu olhar encontrava o dela a unir, com uma linha curta e misteriosa, numa actividade de ressurreição, o presente e o passado.

Agradável e bastante distinto, dizia eu, revia assim Henri van Blarenberghe numa das suas melhores imagens que a memória me conservou. Porém, depois de receber a carta retoquei essa imagem no fundo da memória interpretando, no sentido de uma mais profunda sensibilidade, de uma menos mundana mentalidade, certos elementos do olhar ou das feições que realmente pudessem comportar uma acepção mais interessante e generosa do que a outra em que a princípio me detive. Pedindo-lhe ainda há pouco informações sobre um empregado dos Caminhos-de-Ferro do Leste (o Sr. Van Blarenberghe era presidente do seu conselho de administração) por quem um amigo meu se interessava, recebi a seguinte resposta que, embora escrita a 12 de Janeiro passado, devido a mudanças de endereço que ele ignorava só a 17 de Janeiro me chegou às mãos, nem sequer quinze dias, nem mesmo oito, antes do drama:

«Rua de la Bienfaisance, 48.

«12 de Janeiro de 1907

«Caro senhor,

«Informei-me sobre a possível presença da pessoa X... na Companhia do Leste, e o seu eventual endereço. Nada se descobriu. Se tem a certeza de que o nome é mesmo este, quem o usa desapareceu

da Companhia sem deixar rasto; por certo só lhe estaria ligado de forma bastante provisória e acessória.

«Sinto-me muito preocupado com as notícias que me dá sobre o estado em que a sua saúde se encontra desde a morte, tão prematura e cruel, dos seus pais (²). Se for consolação para si dir-lhe-ei que me tem custado, de igual forma, a recompor física e moralmente do abalo que a morte do meu pai causou. Há, no entanto, que esperar... Não sei o que me reserva 1907, mas desejemos que nos traga a ambos algumas melhoras, e dentro de meses seja possível encontrarmo-nos.

«Queira aceitar a minha maior simpatia.

«H. van Blarenberghe.»

Cinco ou seis dias depois de receber esta carta lembrei-me, ao acordar, que desejava responder-lhe. Fazia um destes grandes frios inesperados que são uma espécie de «marés altas» do céu, ultrapassam todos os diques que as grandes cidades levantam entre nós e a natureza e, vindo bater às janelas fechadas, penetram até aos quartos e fazem sentir aos nossos ombros friorentos, com um vivificante contacto, o ofensivo regresso das forças elementares. Dias perturbados por repentinas alterações barométricas, pelos mais graves abalos. Aliás, nenhuma alegria em tamanha força. Chorava-se antes de tempo a neve que ia cair, e as próprias coisas, como no bonito verso de André Rivoire, tinham ar de quem «esperava neve». Basta uma «depressão avançar em direcção às Baleares», como os jornais dizem, que a Jamaica comece a tremer, para os doentes de enxaqueca, de reumático, de asma, e por certo os loucos também, começarem no mesmo instante a ter em Paris as suas crises, de tal forma os nervosos estão unidos entre os mais afastados pontos do universo com os laços de uma solidariedade que muitas vezes desejariam menos estreita. Se um dia a influência dos astros for reconhecida, pelo menos sobre alguns deles (Framery, Pelletean citados por Brissaud), a quem, senão ao tal nervoso, aplicar melhor o verso do poeta:

*E estava ligado às estrelas por longos fios de seda?*

Ao acordar, eu estava disposto a responder a Henri van Blarenberghe, mas antes disso apeteceu-me dar uma olhadela ao *Figaro*, proceder ao acto abominável e voluptuoso que se chama *ler o jornal* e faz com que todas as desgraças e todos os cataclismos do universo das últimas vinte e quatro horas, as batalhas que custaram a vida a cinquenta mil homens, os crimes, as greves, as bancarrotas, os incêndios, os envenenamentos, os suicídios, os divórcios, as cruéis emoções do homem de Estado e do actor, sejam transmutados em matinal regalo para nosso uso pessoal, de nós, que não estamos interessados no caso, sejam excelentemente associados, e de uma forma particularmente excitante e tónica, à ingestão recomendada de uns

(²) Os pais de Proust morreram com um intervalo de menos de dois anos. *(N. do T.)*

tantos goles de café com leite. Uma vez rasgada a frágil cinta do *Figaro* num gesto indolente, a única que nos separava ainda de toda a miséria do globo, e logo às primeiras notícias sensacionais onde «entra como elemento» a dor de tantas criaturas, essas notícias sensacionais que tanto prazer teremos em comunicar, pouco depois, aos que não leram ainda o jornal, sentimo-nos de repente e alegremente presos à vida que no primeiro instante do despertar parecia tão inútil manter. E se qualquer coisa como uma lágrima nos molhou por momentos os olhos satisfeitos, foi a leitura de uma frase deste género: «Um impressionante silêncio angustia todos os corações, os tambores batem nos acampamentos militares, as tropas apresentam armas, ressoa um clamor imenso: 'Viva Fallières!'» Ora aqui está aquilo que nos sabe arrancar um pranto, um pranto que recusaríamos a uma desgraça que nos fosse mais próxima. Vis comediantes, a quem só a dor de Hércules faz chorar ou, menos do que ela, a viagem do Presidente da República! Nessa manhã, a leitura do *Figaro* não me foi, porém, suave. Eu acabava de correr um seduzido olhar pelas erupções vulcânicas, pelas crises ministeriais e pelos duelos apaches, começava a ler com calma um caso do dia cujo título, «Um drama da loucura», poderia ser particularmente adequado a um vivo estímulo das energias matinais, quando vi, num repente, que a vítima era a Sr.ª Van Blarenberghe, e o assassino, que logo a seguir se matara, o seu filho Henri van Blarenbergue cuja carta eu ainda tinha ao lado para dar àquilo uma resposta: *Há, no entanto, que esperar... Não sei o que me reserva 1907, mas desejamos que nos traga calma*», etc. Há, no entanto,



que esperar! Não sei o que me reserva 1907! A vida não demorara muito a responder-lhe. 1907 ainda não deixara cair no passado o primeiro mês do futuro, e já lhe dava o seu presente, arma, punhal e revólver, e também ao espírito aquela venda que Ateneia amarrara ao espírito de Ájax para ele massacrar pastores e rebanhos no campo grego sem saber o que fazia. «Fui eu quem lhe atirou aos olhos imagens mentirosas. E ele desatou a correr, batendo nuns e noutros, pensando que a sua mão matava os Atridas quando afinal se atirava a este e àquele. E eu, eu excitava o homem presa de furiosa demência, e arrastava-o a emboscadas; e ele acaba de voltar, com a cara banhada em suor e as mãos em sangue.» Enquanto batem, os loucos não sabem de nada, mas passada a crise, que dor! Di-lo Tekmessa, mulher de Ájax: «A sua demência terminou, o seu furor sumiu-se como o hálito do Motos. Mas uma vez recuperado o espírito, volta a atormentar-se com nova dor pois contemplar os seus próprios males, que ele e mais ninguém causou, aumenta amargamente as dores. Depois de saber o que se passou, lamenta-se com bramidos sinistros; ele, que achava as lágrimas indignas de um homem. Fica sentado imóvel, a berrar, e com certeza medita contra si próprio um negro desígnio qualquer (3)». Porém, com Henri van Blarenberghe, passada a crise não são rebanhos e pastores degolados o que ele tem à frente. A dor não mata num instante, já que ele não morreu ao ver à frente a mãe assassinada, já que ele não morreu ouvindo a moribunda mãe dizer-lhe, como a Princesa Andrea de

(3) Citações de *Ájax* de Sófocles. *(N. do T.)*

Tolstoi: «O que fizeste de mim, Henri! O que fizeste de mim!» «Chegando, diz *Le Matin*, ao patamar que interrompe as voltas da escada entre o primeiro e o segundo andares, eles (os criados que, no artigo talvez inexacto, só vislumbramos a fugir e a descer as escadas de quatro em quatro) viram a Sr.ª Blarenberghe descer dois ou três degraus, com a face desfigurada pelo terror e a gritar: 'Henri! Henri! Que fizeste!' E depois, coberta de sangue, a desgraçada levantou os braços e caiu para a frente, de rosto... Cheios de pavor, os criados voltaram a descer a escada em busca de auxílio. Pouco depois, quatro polícias que eles tinham ido buscar arrombaram as portas trancadas do quarto do assassino. Para além dos ferimentos que a si próprio fizera com o punhal, tinha o lado esquerdo da face todo rasgado por um tiro. *O olho caíra em cima do travesseiro.*» Agora já não é em Ájax que estou a pensar. Nesse olho «caído em cima do travesseiro» reconheço, arrancado com o mais terrível gesto que a história do sofrimento humano nos legou, o próprio olho do desgraçado Édipo! «Édipo corre em altos gritos, vai, vem, pede uma espada... Com gritos horríveis atira-se às portas duplas, arranca os batentes dos gonzos, precipita-se para o quarto onde vê Jocasta suspensa da corda que a estrangulava. E ao encontrá-la assim, o desgraçado estremece de horror, desfaz o nó da corda e o corpo da sua mãe deixando de estar preso cai no chão. Depois, arranca das vestes de Jocasta os colchetes de ouro, fura com eles os seus próprios olhos abertos dizendo que não mais veriam os males que ele próprio sofrera e as desgraças que causara, e a gritar imprecações volta a ferir os olhos de pálpebras abertas, e



as pupilas sangrentas escorrem pelas faces numa chuva, numa geada de sangue negro. Diz, aos gritos, que mostrem a todos os habitantes de Cadmea o parricida. Quer que o expulsem daquela terra. Ah! Dava-se assim o verdadeiro nome à felicidade primeva. A partir desse dia nada faltará a qualquer dor que tenha um nome. Os gemidos, o desastre, a morte, o opróbrio (4)». E quando imagino a dor de Henri van Blarenberghe ao ver a mãe morta, também penso noutro e muito desgraçado louco, no Lear que abraça o cadáver da sua filha Cordélia. «Oh! Ela partiu para sempre! Está tão morta como a terra. Não, não, já não vive! Por que há-de ter vida um cão, um cavalo, um rato, se a ti nem um sopro resta? Não voltarás nunca mais! Nunca! Nunca! Nunca! Olhai! Olhai os seus lábios! Olhai para ela! Olhai!»

Apesar dos horríveis ferimentos, Henri van Blarenberghe não morre logo. E não consigo evitar que me pareça cruel (embora útil, talvez; haverá assim tanta certeza do que foi realmente o drama?; lembrai-vos dos irmãos Karamazov) o gesto do comissário da polícia. «O infeliz não está morto. O comissário agarra-o pelos ombros e pergunta: 'Está a ouvir-me? Responda.' O assassino abre o olho intacto, bate a pálpebra por um instante e volta a cair em coma.» A tão cruel comissário sinto vontade de repetir as palavras de Kent, precisamente na cena do *Rei Lear* que ainda há pouco citava, quando impede Edgar de acordar um Lear já sem sentidos: «Não! Não lhe perturbeis a alma! Oh! Deixai-a partir! É odiá-lo, querê-lo

---

(4) Citação de *Édipo Rei*, de Sófocles. *(N. do T.)*

deixar mais tempo estendido na roda desta vida agreste (5)»

Se fui insistente ao repetir estes grandes nomes trágicos, sobretudo o de Ájax e Édipo, deve o leitor compreender porquê; e também a razão por que publiquei aquelas cartas e escrevi esta página. Quis mostrar em que pura, em que religiosa atmosfera de beleza moral se deu esta explosão de loucura e sangue que o salpica sem conseguir sujar. Quis arejar o quarto do crime com uma brisa chegada do céu, mostrar que este caso do dia era exactamente um desses dramas gregos cuja representação constituia, quase, uma cerimónia religiosa, e que o pobre parricida não era uma besta criminosa, um ser alheio à humanidade, mas um nobre exemplar de humanidade, um homem de esclarecido espírito, um meigo e piedoso filho que a mais ineludível fatalidade — digamos que patológica, para falar como toda a gente — atirou — ele, o mais infeliz dos mortais — a um crime e a uma expiação dignos de ficarem célebres.

«Dificilmente acredito na morte», diz Michelet numa página admirável. É bem verdade que o diz a propósito de uma medusa cuja morte, tão pouco diferente da vida, nada tem de incrível, e por isso mesmo podemos perguntar se Michelet fez mais do que utilizar, numa tal frase, dessas «reservas» que os grandes escritores arranjam bastante depressa e com as quais estão certos de poder servir de

---

(5) Respeita-se o texto de Proust, embora se não trate de uma tradução muito fiel destas frases, pertencentes ao V acto da peça de Shakespeare. *(N. do T.)*



imprevisto à clientela o particular festim que ela lhes exige. Se acredito sem dificuldade na morte de uma medusa, não posso porém acreditar facilmente na morte de uma pessoa, mesmo no seu simples eclipse, na simples perda da sua razão. O nosso sentimento da continuidade da alma é de todos o mais forte. O quê! Aquele espírito, que ainda há pouco dominava com as suas percepções a vida, que dominava a morte, que tanto respeito nos inspirava, estar agora dominado pela vida, pela morte, ainda mais fraco do que o nosso espírito que, apesar de tudo, não pode vergar-se perante aquilo que tão rapidamente se fez quase um nada! Está isto para a loucura como o enfraquecimento das faculdades, como a morte, estão para o velho. O quê? O homem que ontem escreveu a carta tão correcta e tão sensata ainda há pouco citada, esse homem, hoje...? Além disso, e para descer a infinitamente pequenos aqui muito importantes, o homem tão razoavelmente agarrado às pequenas coisas da vida, que respondia com tanta elegância a uma carta, que satisfazia um pedido com tanto rigor, que levava em conta o parecer dos outros, que desejava parecer-lhes, se não influente pelo menos amável, que dirigia com tanta finura e lealdade o seu jogo no tabuleiro do xadrez social!... Afirmamos que isto é muito importante, neste caso, e se transcrevi por completo a primeira parte da segunda carta que só parecia, a bem dizer, interessar-me a mim, foi porque esta razão prática me parece ainda mais inerente àquilo que sucedeu do que a bela e profunda tristeza das últimas linhas. Muitas vezes, num espírito já devastado são os ramos principais, o topo, que sobrevivem mais tempo quando as ramificações mais baixas já estão

todas eliminadas pelo mal. Aqui, a planta espiritual está intacta. E ainda há pouco, ao copiar aquelas cartas, eu teria desejado poder transmitir a delicadeza extrema e também a incrível firmeza da mão que tais letras, tão precisas e tão finas, traçou...

— Que fizeste tu de mim! Que fizeste tu de mim! Se pensarmos bem, talvez não haja mãe verdadeiramente amante que não pudesse dirigir ao filho esta censura no seu último dia, e em geral muito antes. No fundo, envelhecemos, matamos tudo aquilo que nos ama com as preocupações que lhe damos, com a própria ternura inquieta que inspiramos e pomos constantemente em estado de alarme. Soubéssemos ver num corpo querido o lento trabalho de destruição levada a cabo pela dolorosa ternura que o anima, ver os olhos sem brilho e os cabelos, que se tinham conservado tanto tempo indomavelmente negros, já vencidos como o resto e a branquearem, as artérias endurecidas, os rins entupidos, o coração gasto, a perda de coragem perante a vida, o caminhar mais lento, mais pesado, o espírito já consciente de que mais nada tem a esperar, ele, que antes saltava, tão incansável, por invencíveis esperanças, acabada de vez a própria alegria, a alegria inata e dir-se-ia que imortal, tão amável companhia da tristeza, quem soubesse ver isto no tardio momento de lucidez que até mesmo as vidas mais enfeitiçadas de quimera podem muito bem ter, pois mesmo a de D. Quixote teve o seu, talvez recuasse perante o horror da sua própria vida, como o Henri van Blarenberghe que acabou com a mãe à punhalada, e deitasse a mão a uma espingarda para morrer logo a seguir. Na maior parte dos homens, uma visão a este



ponto dolorosa (supondo que eles pudessem elevar-se até ela) bem depressa se apaga com os primeiros raios da alegria de viver. Mas que alegria, que razão de viver, que vida, podem resistir a tal visão? Entre esta e a alegria qual é verdadeira, qual é «a Verdade»?

# [A MORTE DE BERGOTTE]

Nesse dia tive notícia de uma morte que muita pena me fez, a de Bergotte. Sabia-se que desde há muito tempo a sua doença durava. Não a que tivera primeiro, evidentemente, e era natural. A natureza não parece muito capaz de causar doenças que não sejam bastante curtas. A medicina, porém, chamou a si a arte de fazê-las prolongar. Os remédios, as melhoras que eles proporcionam, o mal-estar que a sua interrupção faz renascer, formam um simulacro que o hábito do paciente acaba por estabilizar, estilizar, tal como as crianças têm regularmente ataques de tosse muito depois de curadas da tosse convulsa. A seguir, os remédios começam a produzir menos efeito, aumentamos a dose, já não fazem nenhum bem mas desatam a fazer mal, graças a esse prolongado incómodo. A natureza não lhes teria dado tão longa duração. É grande maravilha a medicina, quase que igualando a natureza, poder obrigar-nos a ficar de cama, a continuar, sob pena de morte, a tomar um medicamento. A partir daí, a doença artificialmente enxertada ganha raiz, faz-se uma doença secundária mas verdadeira, só com esta diferença: as doenças naturais têm

cura mas nunca as outras que a medicina criou, pois ela ignora o segredo da cura.

Há anos que Bergotte já não saía de casa. Aliás, nunca tinha gostado da vida mundana ou gostara dela um só dia para lhe ter desprezo como ao resto, e dessa mesma forma que era realmente sua, a saber: não desprezando uma coisa porque é impossível de obter, mas logo que ela se obtém. Tão simplesmente vivia que nem se desconfiava até que ponto era rico, e se o tivéssemos sabido ainda nos enganaríamos tomando-o por avarento, quando afinal nunca houve alguém mais generoso. Era-o sobretudo com mulheres, melhor dizendo rapariguinhas que ficavam envergonhadas ao receberem tanto por tão pouco. Desculpava-se aos seus próprios olhos sabendo que nunca poderia realizar-se tão bem como num ambiente que o fizesse sentir-se apaixonado. O amor, passe o exagero, o prazer um tanto agarrado à carne ajuda o trabalho das letras porque anula os outros prazeres, por exemplo os prazeres da sociedade que são iguais para toda a gente. E mesmo que este amor traga consigo desilusões, pelo menos agita dessa forma a superfície da alma que se arriscaria, sem isso, a estagnar. O desejo não é portanto inútil ao escritor, primeiro para o afastar dos outros homens e fazê-lo conformar-se a eles, depois para devolver alguns movimentos a uma máquina espiritual com tendência, ultrapassada certa idade, a imobilizar-se. Não se chega a ser feliz mas fazem-se observações sobre os motivos que nos impedem de sê-lo e haveriam de continuar invisíveis sem essas arremetidas bruscas da decepção. E os sonhos, bem entendido, não são realizáveis, talvez não os construíssemos sem o desejo, como sa-



bemos, e construí-los é útil para podermos vê-los naufragar e o seu fracasso instruir. Por isso Bergotte dizia consigo mesmo: «Gasto mais do que os multimilionários com rapariguinhas, mas os prazeres ou as decepções que elas trazem fazem-me escrever um livro que dá dinheiro.» Sob o ponto de vista económico era um raciocínio absurdo mas algum atractivo ele encontrava, sem dúvida, ao transmutar assim o ouro em carícias, e as carícias em ouro. Além disso, quando a minha avó morreu, vimos como a sua velhice cansada gostava do repouso (1). Ora, na sociedade só há conversa. É estúpida, ali, mas com o poder de suprimir as mulheres que não são mais do que perguntas e respostas. Sem ser em sociedade, as mulheres voltam àquilo que é tão repousante para o velhote fatigado, um objecto de contemplação. Em todo o caso já se não trata, agora, de nada disto. Eu disse que Bergotte já não saía de casa e quando se levantava por uma hora, no quarto, fazia-o todo embrulhado em xailes, mantas escocesas, em tudo o que serve para tapar quando nos expomos a um grande frio ou andamos de comboio. Aos raros amigos que deixava chegar perto dele pedia desculpa e, mostrando os tartãs, as mantas, dizia com jovialidade: «O que é que quer, meu caro, já Anaxágoras afirmou que a vida é uma viagem.» E assim esfriava progressivamente, pequeno planeta que oferecia antecipada imagem do grande quando o calor a pouco e pouco abandonar a terra, e depois a vida. Nessa altura a ressurreição terá chegado ao fim, pois muito mais

---

(1) Referência à morte da avó do narrador de *Em Busca do Tempo Perdido (O Caminho de Guermantes). (N. do T.)*

do que brilharem as obras dos homens, nas gerações futuras, será preciso que ainda haja homens. Se algumas espécies de animais resistirem mais tempo do que os homens ao frio invasor, quando já não houver homens, mesmo supondo que a glória de Bergotte tenha durado até lá, ela extinguir-se-á de repente e de vez. Não vão ser os últimos animais quem vai lê-lo, pois é pouco provável que possam compreender, como os apóstolos do Pentecostes, a linguagem dos vários povos humanos sem a ter aprendido.

Nos meses que precederem a sua morte Bergotte sofria com insónias e, o que é pior, mal pegava no sono sofria com pesadelos que o faziam evitar adormecer de novo quando acordava. Durante muito tempo gostara de sonhos, mesmo dos maus sonhos, pois é graças a eles, graças à contradição revelada com a realidade que temos à frente dos olhos, uma vez acordados, que mais tarde dão, depois de despertarmos, a sensação profunda de termos dormido. Mas os pesadelos de Bergotte não eram assim. Antigamente, ao falar de pesadelos ouvia desagradáveis coisas que se passavam no seu cérebro. Porém, como se viessem de fora é que ele agora sentia aquela mão a agarrar num pano encharcado e uma mulher maldosa a passá-lo na sua cara tentando acordá-lo, intoleráveis pruridos nas ancas, a raiva de um cocheiro louco furioso — só porque Bergotte, durante o sono, tinha murmurado que ele conduzia mal — que se atirava ao escritor e lhe mordia os dedos, deixando-os cortados rente. Por fim, quando houvesse escuridão bastante no seu sono, sem trajos de cena a natureza faria uma espécie de ensaio do ataque de apoplexia que haveria de levá-lo: Bergotte entrava de carro no portal do novo



palácio dos Swann, e queria sair. Uma vertigem fulminante pregava-o ao banco, o porteiro tentava ajudá-lo a descer e ele continuava sentado, sem poder levantar-se nem esticar as pernas. Pretendia agarrar-se ao pilar de pedra que tinha à frente, mas não encontrava apoio bastante para se pôr de pé.

Consultou médicos que, lisonjeados com essa chamada, viram a causa daqueles incómodos nas suas virtudes de grande trabalhador (há vinte anos que ele não fazia nada), no esgotamento. Aconselharam-no a não ler histórias que aterrorizassem (ele não lia nada), a tirar mais proveito do sol «indispensável à vida» (alguns anos de relativas melhoras só ficara a devê-los a ter-se enclausurado em casa), a alimentar-se melhor (isto fê-lo emagrecer e alimentar, sobretudo, os pesadelos). Como um destes médicos era dotado de espírito de contradição e de implicação, Bergotte, consultando-o em particular e temendo irritá-lo, mal lhe expunha como ideias suas o que era conselho dos outros fazia-o supor que estivesse a tentar obter uma receita de qualquer coisa do seu agrado e logo o médico contraditor lha proibia, muitas vezes com razões fabricadas tão depressa, por necessidades da causa, que era obrigado, perante a evidência das objecções materiais que Bergotte levantava, a contradizer-se antes de acabar a frase mas reforçando com novas razões a mesma proibição. Bergotte voltava a um dos primeiros médicos, homem que se gabava de ter espírito, sobretudo à frente de um dos mestres da pena, e se o doente insinuava: «No entanto eu julgo que o Dr. X me disse — há muito tempo, bem entendido — que isso podia congestionar-me o rim e o cérebro...», ele sorria

com malícia, levantava o dedo e declarava: «Eu disse usar, não disse abusar. Claro está que todo o remédio, quando exagerado, se transforma numa arma de dois gumes.» No nosso corpo há um certo instinto para aquilo que nos é salutar, como há no coração para o que é dever moral, e nenhuma autorização de doutores em medicina ou teologia pode apagá-lo. Sabemos que os banhos frios nos fazem mal mas, se gostamos deles, havemos sempre de encontrar um médico que nos aconselhe a tomá-los e nunca que os impeça de fazer mal. A cada um dos médicos Bergotte recuperou o que a si próprio proibira desde há anos por bom senso. Ao fim de algumas semanas os acidentes de outrora tinham voltado a surgir, os recentes a agravar-se. Enlouquecido com um sofrimento que o não largava um só minuto, e ao qual se acrescentava uma insónia cortada por pesadelos rápidos, Bergotte não mais voltou a chamar médicos e experimentou, com sucesso mas excesso, vários narcóticos, lendo confiadamente o prospecto que acompanhava todos eles, prospecto a proclamar a necessidade do sono mas a insinuar que eram tóxicos todos os produtos que o fazem chegar (salvo o contido no frasco que ele envolvia e nunca provocava intoxicações), tornando por isso o remédio pior do que a doença. Bergotte experimentou-os todos. Alguns pertencem a uma família diferente daquela a que estamos habituados; derivam, por exemplo, do amilo e do etilo. E o novo produto, de composição totalmente diferente, não o absorvemos sem a deliciosa expectativa do desconhecido. O coração bate como num primeiro encontro. A que géneros ignorados de sono, de sonhos, irá o recém-chegado levar-nos? Agora já o te-



mos dentro de nós, a seguir a mesma direcção que o nosso pensamento. De que forma vamos nós adormecer? E, uma vez adormecidos, através de que estranhos caminhos, a que cimos, a que inexplorados abismos irá o todo-poderoso senhor levar-nos? Que novo conjunto de sensações conheceremos na viagem? Irá levar-nos ao mal-estar? À beatitude? À morte? A de Bergotte deu-se na véspera daquele dia, ao ter-se confiado assim a um desses amigos (amigos?, inimigos?) cheios de poder. Morreu nas seguintes circunstâncias. Uma crise de uremia bastante ligeira foi causa do repouso que lhe tinham prescrito. Porém, como um crítico acabasse de escrever que, na *Vista de Delft* de Vermeer (emprestada pelo museu de Haia, para uma exposição holandesa), quadro que ele adorava e julgava conhecer muito bem, um pequeno pedaço de parede amarela (de que se não lembrava) tão bem pintado estava que, olhado isoladamente, era como que uma preciosa obra de arte chinesa com beleza que a si própria se bastava, Bergotte comeu duas ou três batatas, saiu de casa e foi à exposição (2). Logo nos primeiros degraus que teve de subir, foi assaltado por vertigens. Passou por vários quadros e sentiu a aridez e a inutilidade de uma arte muito fictícia,

---

(2) Proust decidiu visitar esta exposição no dia 24 de Maio de 1921, às 9.15 h. da manhã (hora a que costumava deitar-se), depois de ter lido o artigo que Vaudoyer fizera sobre ela em *L'Opinion*. A visita não foi solitária: acompanhou-o o próprio Vaudoyer, que teve de o amparar até à frente do quadro de Vermeer. Apesar de atingido por um grande mal-estar físico, Proust ainda teve forças para prolongar esta saída até uma outra exposição (de Ingres) que ficava perto do Jeu de Paume. *(N. do T.)*

longe de valer as correntes de ar e sol de um palazzo de Veneza ou de uma simples casa à beira-mar. Acabou por chegar à frente do Vermeer, que tinha de memória mais resplandecente, ainda mais diferente de tudo quanto conhecia, mas onde viu pela primeira vez e graças ao artigo do crítico pequenas personagens de azul, que a areia era cor-de-rosa e, finalmente, a matéria preciosa do minúsculo pedaço de parede amarela. As vertigens aumentavam; ele fixava os olhos no pedaço de parede precioso como a criança na borboleta amarela que quer apanhar. «Eu devia era escrever assim, dizia consigo próprio. Os meus últimos livros são áridos de mais, teria sido necessário eu dar várias camadas de cor, levar a frase a ser preciosa em si própria como este pequeno pedaço de parede amarela.» Não lhe escapava, porém, a gravidade daquelas vertigens. Numa balança celeste, surgia-lhe a sua própria vida a carregar um dos pratos enquanto o outro tinha o pequeno pedaço de parede tão bem pintado de amarelo. Sentia que tinha cometido a imprudência de trocar a primeira pelo segundo. «Mas não me interessa nada ser o caso do dia desta exposição, nos jornais da tarde», dizia para consigo. E repetia: «Pequeno pedaço de parede amarela com um guarda-vento, pequeno pedaço de parede amarela.» Nesse entretanto deixou-se cair num sofá circular; com rapidez igual, deixou de pensar que tinha a vida em jogo e, voltando a ser optimista, pensou: «Trata-se de uma banal indigestão que aquelas batatas meio cruas me causaram, não há-de ser nada.» Teve nova crise, foi atirado do sofá ao chão e todos os visitantes e guardas lhe acudiram: estava morto. Morto para sempre? Quem



poderá dizê-lo? Não há dúvida de que as experiências espíritas, tal como os dogmas religiosos, não dão prova nenhuma de que a alma subsista. Pode apenas dizer-se que na vida tudo se passa como se lá entrássemos com o fardo de obrigações contraídas numa vida anterior; nas condições de vida que temos na terra, não há razão nenhuma para nos acreditarmos obrigados a fazer o bem, a ser delicados e até mesmo cultos, nem o artista ateu julgar-se obrigado a refazer vinte vezes um trecho susceptível de vir a provocar uma admiração que pouco há-de importar ao seu corpo roído pelos vermes, tal como esse pequeno pedaço de parede amarela que um artista desconhecido para sempre, identificado apenas pelo nome de Vermeer, pintou com tanta ciência e requinte. Sem castigo na vida presente, dir-se-á que todas estas obrigações pertencem a outro mundo baseado na bondade, no escrúpulo, no sacrifício, mundo totalmente diferente deste e de onde saímos para nascer nesta terra, talvez antes de lá voltarmos para tornar a viver sob o império dessas leis desconhecidas a que tínhamos obedecido por trazermos dentro de nós o seu ensinamento, sem saber quem as estabeleceu, essas leis que todo o trabalho profundo da inteligência faz mais próximas e só são invisíveis — e mesmo assim!... — aos estúpidos. Desta forma, não é inverosímil a ideia de Bergotte não estar morto para sempre.

Enterraram-no, mas durante toda a noite fúnebre os seus livros arrumados três a três nas estantes iluminadas velavam como anjos de asas abertas e pareciam, ao que deixara de existir, o símbolo da sua própria ressurreição.

## Colecção memória do abismo

1 – ÂNGELO DE LIMA — *Poemas in ORPHEU 2 e outros escritos*

2 – JEAN GENET — *O funâmbulo*

3 – GEORGES BATAILLE — *O ânus solar*

4 – LUÍS CERNUDA — *Os prazeres proibidos*

5 – ANTONIN ARTAUD — *A arte e a morte*

6 – CHARLES BUKOWSKI — *Dá-me o teu amor*

7 – F. SCOTT FITZGERALD — *A Fenda Aberta*

8 – LOUIS-FERDINAND CÉLINE — *Vão navios cheios de fantasmas...*

9 – FERNANDO PESSOA — *Aviso por causa da moral*

10 – YUKIO MISHIMA — *Genet*
JEAN GENET — *O condenado à morte*

11 – ALDOUS HUXLEY — *O céu e o inferno*

12 – GEORGE MOORE — *O outro sexo de Albert Nobbs*

13 – ANTONIN ARTAUD — *Van Gogh, o suicidado da Sociedade*

14 – CAMILO CASTELO BRANCO — *Maria! Não me mates que sou tua mãe!*

15 – JOYCE MANSOUR — *História Nociva*

16 – WALTER BENJAMIN — *Kafka*

17 – D. H. LAWRENCE — *O Oficial Prussiano*

18 – HEINRICH VON KLEIST — *As Marionetas*

19 – JEAN GENET — *A Criança Criminosa*

20 – GEORGES BATAILLE — *História de Ratos (Diário de Dianus)*

21 – ANTONIN ARTAUD — *Eu, Antonin Artaud*

22 – EZRA POUND — *Patria Mia*

23 – RAUL LEAL — *Sodoma Divinizada*

24 – MARCEL PROUST — *A Raça Maldita*

Execução gráfica
da
Tipografia Lousanense, Lda.
para
HIENA EDITORA
Lousã - Julho de 1989
Depósito Legal n.º 26254/89

*colecção memória do abismo 23*